

CIDADE E ESPAÇO CÊNICO  
UMA ESCOLA DE MÚSICA PARA SINES







Universidade Autónoma de Lisboa | Departamento de Arquitectura  
Dissertação de Mestrado em Arquitectura  
Ano Académico 2015 | 2016

Constança Lino | 20100220

Orientadores:  
Arq.<sup>a</sup> Inês Lobo | Prof. Joaquim Moreno

Abril de 2018  
Texto segundo o antigo antigo acordo ortográfico



## AGRADECIMENTOS

Primeiro gostava de agradecer aos meus Pais e ao Tomás, pelo constante apoio e carinho.

À Sara por me ter ajudado e apoiado constantemente nesta fase final e tão importante do curso.

À Vera pela companhia, ajuda e amizade durante tantos anos.

A todos os meus colegas, que tiveram sempre um papel importante e se tornaram amigos. Em especial à Bea, Carlota, Madalena, Maria e Mário.

Ao Tiago, por tudo.

Aos meus professores e orientadores, Inês Lobo, Joaquim Moreno, Ricardo Carvalho, Telmo Cruz e Filipa Ramalhete.

À Maria Filipe Henriques pela sua boa disposição e apoio a todos os alunos.

Por último mas não menos importante, a todos os meus amigos.



*“Quando se fala de palcos, não se alude apenas aos instalados no interior dos edifícios, mas também à arquitetura concebida originalmente para representar, incluindo a própria cidade.”*<sup>1</sup>

1. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 32





## RESUMO

O tema Cidade e Espaço Cénico, Uma Escola de Música para Sines, partiu de uma análise à cidade e de um estudo que recai sobre o desenvolvimento morfológico da mesma ao longo dos anos.

À medida que a vila se elevou a cidade a indústria cresceu, Sines transformou-se urbanisticamente e como consequência o modo de vida das pessoas também se alterou. O espaço público foi um dos elementos que sofreu uma maior descaracterização, um dos motivos que levou a esta perda de identidade foi a forma desordenada como o complexo industrial se implantou no território. Surgiu, assim, a necessidade de desenvolver novos espaços públicos que servissem a cidade. Consequentemente espaços como o Rossio, actual Praça da República, onde existiam diversas actividades que proporcionavam momentos de permanência e convívio, transformaram-se em espaços obsoletos e perderam a sua função primordial.

A Praça da República era considerada uma porta simbólica de

entrada na cidade, por ter uma ligação directa com a estação de comboios. O percurso que liga estes dois espaços concentrava diversos equipamentos de apoio, que proporcionavam a maioria dos eventos festivos e sociais da cidade. Devido ao aparecimento de novos espaços públicos, este percurso perdeu a sua importância como centro polarizador e os seus equipamentos acabaram por ser desactivados.

A presente dissertação procura contribuir para a reactivação deste percurso, a partir do desenvolvimento de uma Escola de Música que pretende reunir num mesmo espaço diferentes actividades performativas, ligadas não só à música mas também às restantes artes cénicas. Numa tentativa de devolver uma memória aural ao lugar.

**Palavras chave:** cidade; espaço público; espaço cénico; música; memória.

## ABSTRACT

The subject, City and the Scenic Space, a Music School for Sines, started from an analysis of the city of Sines, and the study of its morphological development through the years.

Has the town developed into a city and the industry has grown, Sines transformed urbanistically and as a consequence, people's way of life changed with it. The public space was one of the elements that suffered a bigger decharacterization, one of the reasons that led to this loss of identity was the disordered way that the industrial complex was implanted in the territory. Thus arose the need to develop new public spaces that serve the city. As result, spaces as Rossio, actual Praça da República, where there were several activities that provided moments of permanence and conviviality, have become obsolete spaces and have lost their primary function.

Praça da República was considered a symbolic door to the city, as it has a direct connection to the train station. The route that

connects this two spaces concentrated several support equipments, which provided most of the festival and social events of the city. Due to the appearance of new public spaces, this route lost its importance as a polarizing center and its equipment ended up being deactivated.

This dissertation tries to contribute to the reactivation of this route, from the development of a School of Music that intends to gather in the same space different performative activities, linked not only to music but also to the other scenic arts. In an attempt to restore an aural memory to the place.

**Keywords:** city; public space; scenic space; music; memory.





ÍNDICE:

|                             |    |                                                |    |                                     |    |              |    |
|-----------------------------|----|------------------------------------------------|----|-------------------------------------|----|--------------|----|
| AGRADECIMENTOS              | 05 | A CIDADE COMO ESPAÇO CÉNICO                    | 31 | MÚSICA                              | 53 | BIBLIOGRAFIA | 88 |
| RESUMO / ABSTRACT           | 09 | ARTES PERMANENTES EM SINES                     | 32 | MEMÓRIA AURAL DAS CIDADES           | 54 |              |    |
| INTRODUÇÃO                  | 13 | ACTIVIDADES SAZONAIS EM SINES                  | 34 | A MÚSICA E O ESPAÇO ARQUITECTÓNICO  | 55 |              |    |
| CIDADE DE SINES             | 15 | ESPAÇO PÚBLICO DA CIDADE                       | 38 | O IMPACTO DA MÚSICA NO CORPO HUMANO | 57 |              |    |
| EVOLUÇÃO DA CIDADE DE SINES | 18 | ESPAÇO CÉNICO                                  | 40 | ESCOLA DE MÚSICA                    | 58 |              |    |
| ROSSIO, PRAÇA DA REPÚBLICA  | 22 | EVOLUÇÃO DA PRAÇA COMO ESPAÇO CÉNICO NA CIDADE | 44 | MATERIALIDADE                       | 78 |              |    |
| ANÁLISE TERRITORIAL         | 24 | GUIMARÃES, CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA DE 2012 | 50 | CONCLUSÃO                           | 82 |              |    |
| ESTRATÉGIA                  | 26 |                                                |    | ÍNDICE DE IMAGENS                   | 84 |              |    |



## INTRODUÇÃO

Para projectar em Arquitectura é necessário um estudo do local de intervenção como contexto para a concretização de uma ideia e de um programa. Um dos primeiros passos é analisar a história do lugar, o seu desenvolvimento ao longo dos anos. No caso específico desta dissertação, o lugar a estudar é a cidade de Sines.

A análise de Sines começou de uma forma simples, ao caminhar pela cidade, observando as pessoas que nela vivem e os vários espaços onde estas habitam e convivem.

Este simples acto de caminhar gerou uma aproximação à cidade que serviu de base ao projecto. Nesta dissertação, pretende-se tratar um dos espaços públicos da cidade, mais especificamente

a Praça da República - local central mas pouco habitado actualmente. Ao intervir neste espaço, e com base no conhecimento histórico do local, pretende-se proporcionar novos espaços de lazer e de reunião de pessoas.

Sendo a cidade de Sines imensamente ligada às artes performativas, pretende-se projectar neste local um edifício que reúna o ensino da música e as artes cénicas. Este projecto tem como objectivo revitalizar esta zona da cidade e como consequência directa reabitar o espaço público que é a Praça da República.



CIDADE DE SINES

Fig. 01. Ortofotomapa. Sines









Fig. 02. Carta da Costa do Governo de Sines 1751

## EVOLUÇÃO DA CIDADE DE SINES

A paisagem da zona costeira da planície Alentejana é quebrada por três diferentes unidades isográficas: Sistema estuário do Sado, o Arco litoral Troia-Sines e a Costa Sul de Sines. Entre a foz do rio Sado e o Cabo Sardão localiza-se a baía da vila de Sines, pertencente ao Alentejo.

A costa de Sines foi se desenvolvendo e ganhando forma com o passar dos anos e assim começaram a aparecer os primeiros vestígios de humanidade. Devido ao clima, topografia e condições de sobrevivência que proporcionavam práticas agrícolas e piscatórias no Período Paleolítico, os povos instalaram-se formando acampamentos, e as suas técnicas foram-se desen-

-volvendo. Posteriormente, na Idade do Bronze nasce uma ideia de Comércio, em que os habitantes começam a analisar os seus recursos e a mudar as suas mentalidades.

Mais tarde, no século I a.C., é estabelecido em Sines o primeiro caminho romano que liga Santiago do Cacém ao Castelo, sendo reconhecido como Via Miróbriga. É assim criada a primeira ligação com a vila, uma conexão que se mantém até à Época Medieval. Esta via é utilizada até aos dias de hoje como uma estrada secundária de desempenho urbano, sendo actualmente interrompida em vários troços pelo atravessamento de oleodutos. Durante a Época Medieval, e como consequência da localização

geográfica e das vias de ligação ao caminho romano, Sines surge pela primeira vez como centro portuário e mercantil, abrindo as portas para o comércio marítimo.

Sines ganha a sua autonomia a 24 de Novembro de 1362 devido ao crescimento da população, ao desejo da independência de Santiago do Cacém e ao interesse do rei D. Pedro I neste porto com grandes potencialidades defensivas, nesta época de expansão marítima.

Até 1485 Sines incluía-se numa área composta por Porto Covo, Vila Nova de Milfontes, Cercal do Alentejo e São Luís. Entretanto foi criado o concelho de Vila Nova de Milfontes por D. João II o

que possibilitou que Sines se tornasse mais autónomo.

Entre o século XVI e o século XVII Sines é fortificada com a criação do Forte do Revelim e de dois Fortes no Pessegueiro. Em 1834, com a implementação do Liberalismo, começa uma época de abertura com outros países e os primeiros estrangeiros chegam à vila. Graças a esta situação, no século XIX a vila floresce com o começo de indústrias corticeiras e de conserva, fundando-se várias fábricas ao longo da vila. Ocupando assim um lugar central na economia de Sines, mantendo um compromisso tanto no consumo local como para exportação. Nesta altura, a população de Sines solicita o aumento das dimensões da





Fig. 03. Fotografia aérea da calheta de Sines, 1960

calheta de modo a compactuar com o trânsito marítimo. A vila torna-se num porto de distribuição de cereais, vinho e mel enviados para a capital do país. Ao longo do século XIX, e à medida que a vila foi florescendo, o número de fábricas foi aumentando. Na segunda metade do século XIX, a vila já continha cerca de cinco fábricas corticeiras. No ano de 1911, o setor corticeiro ocupava cerca de um terço da população activa. Durante o período da Grande Guerra existiam sete fábricas na área de Sines, aumentando para treze em 1915. Todas estas fábricas eram posicionadas estrategicamente perto do mar, de maneira a facilitar o acesso, criando assim um arco

que rodeava a vila. Entre 1904 e 1965 chegam a estar cerca de 26 fábricas em funcionamento. Com a chegada do século XX, a população da vila aumenta para quase o dobro passando de 4794 para 9490 habitantes. O crescimento da vila interrompe-se entre a 2ª Guerra Mundial e os anos 70. Esta população reparte-se entre a agricultura, a pesca e a indústria, actividades que mais caracterizavam Sines até aos anos 70. Sines sempre teve uma extrema importância a nível regional, ao ser o porto de distribuição para Santiago do Cacém e outras áreas no interior do Alentejo. A partir dos anos 70, a vila sofre um

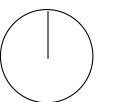
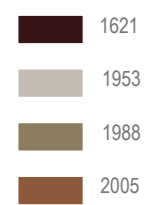


Fig. 04. Fotografia aérea do centro da vila e do Castelo de Sines, 1960

grande impacto, transformando o modo de vida da sua população. Durante o governo de Marcelo Caetano (1968-74) é criado um complexo portuário e industrial nesta zona, com a intenção de trazer ao país uma independência nos sectores da energia e transformação de matérias primas. Por conter águas profundas ideais para barcos de grande porte, Sines foi o local escolhido para a criação de este projecto de grande escala. O assentamento urbano desenvolve-se assim de uma forma mais concentrada em torno da baía e cresce aos poucos até ao interior. Novos aglomerados de carácter essencialmente habitacional vão surgindo ao longo da costa de Sines. Todo o cresci-

crescimento da vila está dependente do desenvolvimento do porto e indústrias. Em 1997 a vila eleva-se a cidade sendo que, entre 1972 e 1981, a população da área de Sines cresce 92%, acolhendo famílias de todo o país. Para os habitantes de Sines, principalmente os pescadores, este foi o fim das suas vidas piscatórias, da vivência social, do significado e reconhecimento da geografia urbana.

Fig. 05. Planta da evolução da cidade de Sines. Escala 1. 10000





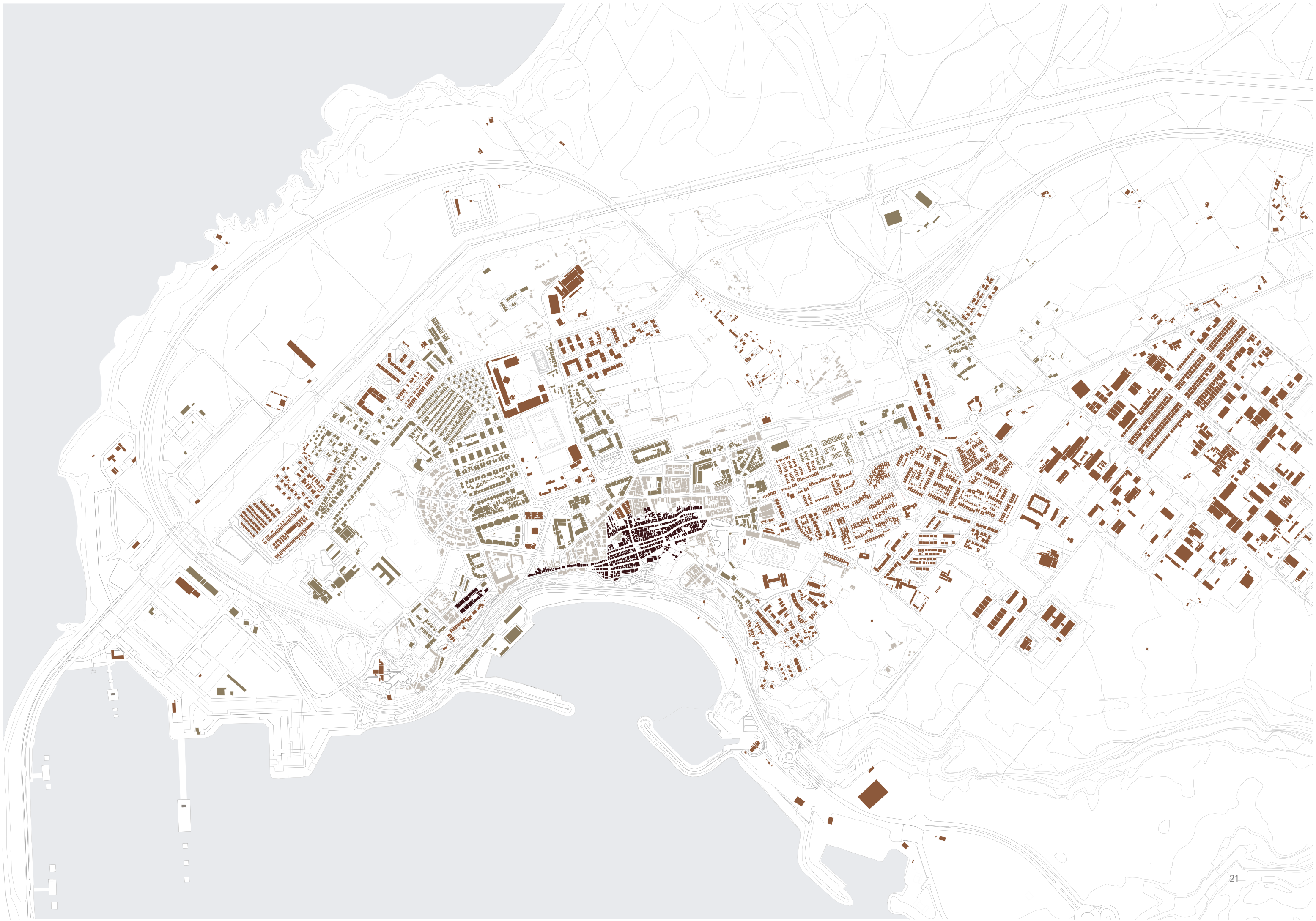






Fig. 06



Fig. 07



Fig. 08



Fig. 09

Fig. 06. Rua Luís de Camões com a Praça da República ao fundo, 1910

Fig. 07. Jardim da Praça da República, 1920

Fig. 08. Idem, 1950

Fig. 09. Jardim da Praça da República e Esplanada Alentejana, 1960

Fig. 10. Senhor a descansar no Jardim da Praça da República, 2017

Fig. 11. Jardim da Praça da República actualmente, 2017

## ROSSIO, PRAÇA DA REPÚBLICA

A vila era um lugar privilegiado de trocas sociais que se concentravam maioritariamente no Rossio. Este era a praça central que funcionava como local de encontro da comunidade.

No século XIX, o Rossio era apenas um baldio do concelho a partir de onde a vila começou a crescer, inicialmente usado como espaço agrícola e estava rodeado pelas diversas fabricas de cortiça e conserva. Devido à sua centralidade e aos vários eixos que aí culminavam, tornou-se num apetecível lugar de paragem. Em consequência originou a expansão urbana.

O Rossio, como espaço cénico, continha na primeira metade do século XX, um local destinado à concentração de espectáculos,

caminhadas e instalações de teatro itinerantes.

Um coreto foi colocado no centro, permitindo atuações musicais durante todo o ano. Em 1947 nasce a Esplanada Alentejana contendo uma área de cinema ao ar livre e um recinto fechado para espectáculos.

Sines começou a ganhar nome e a ser visitada não só pelos sineenses, mas também por turistas que se dirigiam à vila no Verão devido às festas e espectáculos. O cinema ao ar livre na Esplanada Alentejana era o local preferido de entretenimento dos pescadores. Para além do cinema, este espaço continha também um café e um salão de bailes. A entrada no cinema para

os pescadores era um símbolo da passagem para a adolescência, um tempo de namoro e conquistas.

Com o crescimento da cidade, a Esplanada Alentejana deixou de existir e o Rossio deixou de ter esse nome perdendo a funcionalidade que tinha para a população de Sines.

Nos anos 70, surge a primeira avenida da cidade, Avenida Domingos Pablo. Esta avenida foi desenhada como eixo de ligação entre a estação de comboio da cidade e a zona onde hoje em dia existe o Centro Municipal Desportivo, atravessando assim a Praça da República (antigo Rossio).

Com o crescimento da população e aumento da necessidade

de construção o tecido urbano aumentou, ocupando parte da Avenida e consequentemente o espaço público da Praça da República.

A Praça da República é a charneira entre a malha habitacional da zona antiga da cidade e a zona de expansão. Foram elevados novos edifícios organizados por quarteirões. A forma como o espaço público era vivido alterou-se, pois, a zona de convívio passou a ter lugar no interior dos quarteirões.

A localização da Praça da República encontra-se numa área limite de uma fase bem demarcada da cidade, contendo uma importante relação com os eixos de comércio de Sines,





Fig. 10

a Rua Serpa Pinto e a Rua Francisco Luís Lopes são dois desses eixos de comércio pedonal interligando a Praça com a Praça Tomás Ribeiro uma das principais do centro histórico. Com o desenvolvimento desmedido da massa urbana da cidade perde-se o espaço central que reunia toda a cultura, a Esplanada Alentejana é fechada e os programas culturais dispersam-se. Alguns espaços verdes são criados ao longo do território, no entanto nenhum deles apresenta características programáticas e dimensionais que se assemelhem à antiga Praça. O aparecimento do novo porto e complexo industrial é um marco histórico para a vila, em que o passado, o presente e o futuro

ficam divididos.

A cidade passou a ter dois territórios opostos, de um lado a plataforma portuária, com a entrada e saída de bens convertidos em poder económico. Do outro a confirmação de um lugar, habitado e partilhado por um grupo de pessoas que ali trabalhavam e conviviam e que nele relembavam memórias dos seus antepassados. Com este aumento de poder económico, nasce uma nova cidade, criando grandes mudanças que resultam numa perda de identidade. Actualmente, podemos encontrar esporadicamente algumas pessoas sentadas à conversa em redor de alguns espaços públicos. No entanto, estes espaços não são suficientes



Fig. 11

para reunir a população da cidade como antigamente, a Praça da República tornou-se assim ao longo dos anos apenas numa zona de passagem e não de permanência.





Fig. 12. Rua Teófilo Braga, Sines



Fig. 13. Rua Gago Coutinho, Sines



Fig. 14. Rua João de Deus, Sines



Fig. 15. Rua de Ferreira, Sines

## ANÁLISE TERRITORIAL

Após a análise da cidade de Sines, foram detectados um conjunto de problemas que motivaram a proposta para esta dissertação.

Ao percorrer o centro histórico da cidade emergem as ruas estreitas, cafés de esquina e a área do castelo que nos leva de encontro ao mar. Após uma primeira aproximação surge uma sensação de que algo está em falta, de que as ruas desaguam em mais ruas, havendo a necessidade de existência de um espaço público de reunião e de uma área central.

Como já explicado ao longo da dissertação, esta ausência foi causada pela nova distribuição desorganizada do tecido urbano

com a evolução Industrial do porto de Sines. A necessidade de construção rápida de novas habitações e edifícios de apoio às indústrias teve como consequência a falta de planeamento e desordem territorial. A nova localização dos edifícios de importância para a cidade resultou em espaços exteriores não qualificados. Por último, a localização estratégica da estação de comboios num dos limites de um eixo que tinha ligação ao Rossio perde a sua função e consequentemente, anos mais tarde, a própria avenida que fazia a ligação é desativada devido mais uma vez ao crescimento da população e surgimento das indústrias. Dois pontos de interesse da cidade perdem a sua função e a ligação

a estes dois pontos é desvalorizada, tornando toda esta área desqualificada.

Como resposta ao conjunto de problemas previamente apresentados foi necessário recuar atrás no tempo e interpretar as origens da cidade e o seu desenvolvimento, percebendo assim, que Sines foi palco de vários acontecimentos ao longo do tempo. Esta pesquisa levou ao ponto inicial para a intervenção deste projecto e como tal a proposta passa por duas intervenções na cidade a escalas distintas.

À escala do território é proposto a requalificação da Praça da República, local de centralidade onde anteriormente se concen-

travam os programas ligados à cultura. É neste seguimento e à escala do lugar que se pretende desenvolver um espaço dedicado à música e às artes performativas de forma a agregar num único edifício, tanto os programas que foram desactivados na cidade como os programas que foram implantados de forma difusa no território.





Fig. 16. Rua Pedro Alvaros Cabral, Sines



Fig. 17. Praça da República, Sines





Fig. 18. Antiga estação de comboios, actual Escola de Artes, Sines.

## ESTRATÉGIA

Um dos problemas principais identificados ao analisar a cidade de Sines foi a desactivação do eixo que ligava a estação de comboio ao antigo Rossio. Em 1936, a linha férrea que ligava a cidade de Santiago do Cacém, prolonga-se até Sines, e a cidade ganhou uma nova porta.

Como já referido anteriormente, nos anos 70, a Avenida Domingos Rodrigo Pablo é desenhada criando um eixo de ligação da estação com o antigo Rossio, de outro modo, os viajantes ao chegarem à vila tinham logo contacto com esta área activa de Sines. Na década de 90, o uso do ramal como transporte de passageiros é encerrado devido ao declínio de tráfego e a estação

perde a sua função tal como, todos os edifícios que lhe serviam de apoio.

Como consequência, é projectado um novo uso para a estação. A área que era composta por três edifícios: a estação, um armazém e casa de apoio aos trabalhadores foram requalificados de modo a ter um novo uso para a cidade. É criado um novo jardim, o Jardim Alameda da Paz. Foi atribuído pela Câmara Municipal de Sines, um novo uso ao edifício da antiga estação, tornando-se na Escola de Artes do Alentejo Litoral, pertencente ao programa de Regeneração Urbana de Sines. O projecto foi realizado pelo arquitecto Ernesto Korrodi, o edifício foi restaurado,



Fig. 19. Vestígios dos caminhos de ferros, que permanecem no Jardim Alameda da Paz, Sines.

mas os pormenores ferroviários ainda habitam o seu esqueleto. Desde 2009, o armazém da estação passou a ser um restaurante, mantendo o nome de Cais da Estação. O terceiro edifício que servia de apoio aos trabalhadores passou a ser uma clínica veterinária.

Nos dias de hoje, o eixo de ligação entre a Praça da República e o Jardim Alameda da Paz é feito a partir da Avenida Domingos Pablo, lineada por edifícios de habitação, sendo que num ponto é atravessada pela Avenida General Humberto Delgado.

Como estratégia territorial pretende-se recriar a antiga ligação entre a estação e o antigo Rossio, reactivando um eixo que era

a porta de Sines.

Actualmente, a Praça da República concentra no seu redor edifícios de teor privado e público, sendo que os edifícios com mais de um piso têm sempre o primeiro destinado ao comércio e serviços. A Esplanada Alentejana já referida previamente tem uma ligação quase directa com a Praça apesar de se encontrar desactivada e de conter três edifícios habitacionais anexados que se encontram de fachada para a Praça.

A circulação automóvel é realizada à volta desta área e o seu interior está limitado apenas aos pedestres. A Praça é o encontro de uma avenida, uma travessa e cinco ruas em que duas destas





Fig. 20. Edifícios devoluto no Parque Desportivo Municipal João Martins, Sines

ligam ao centro histórico da cidade, a Rua Luís de Camões, uma das principais de Sines e a Rua Marquês de Pombal. A Travessa Avelino de Sousa liga esta área com a área Sul da cidade. A Sul da Praça da República encontra-se o Parque Desportivo Municipal João Martins limitado por um muro, contendo no seu interior campos desportivos, um edifício devoluto e um centro infantil, A Conchinha. Para além do campo desportivo, está situada nesta zona a Câmara Municipal de Sines e a Junta de Freguesia, uma zona de estacionamento e o Bar da Música, onde está sedeada a Sociedade Filarmónica de Sines. Para reestruturar e redimensionar a antiga avenida que unia a

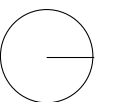
chegada à cidade, propõe-se uma nova estratégia urbana que permita uma nova forma de vivenciar a cidade. A estratégia passa por criar um espaço de reunião, transformando o próprio local no programa, uma Escola de Música. O edifício fundamenta o espaço público envolvente e reúne os vários programas actualmente distribuídos pela cidade e que fazem sentido estarem reunidos numa só área. Para além da ligação com a avenida, a área de intervenção irá também ligar outros espaços da cidade através de diferentes percursos e assim reactivar determinadas zonas da cidade. Pretende-se reestruturar um quarteirão, retirando alguns edifícios



Fig. 21. Vestígios de uma chaminé de Fábrica no Parque Desportivo Municipal João Martins, Sines.

de habitação e serviços, redesenhando-os de uma forma mais coerente com a malha urbana. Consequentemente, consolidando-os com a nova avenida proposta e criando uma interacção entre estes dois momentos. Com esta proposta para a Praça da República pretende-se manter a proximidade entre o espaço privado das habitações e o espaço público da cidade, tão característico da zona histórica de Sines.

Fig. 22. Planta de análise da Praça da República e envolvente. Escala 1:1500









A CIDADE COMO ESPAÇO CÊNICO



Fig. 23. Banda Filarmónica a desfilr pelas ruas de Sines.



Fig. 24. Espectáculo de rua da companhia Teatro do Mar.

## ACTIVIDADES PERMANENTES EM SINES

Actualmente, a cidade de Sines contam vários programas ligados à cultura e às artes performativas. Ao longo do ano decorrem na cidade várias festividades, actividades estas de grande importância, mas apenas sazonais. É também necessário dar a devida atenção aos programas lúdicos de carácter permanente que a cidade tem a oferecer à sua população.

Em 1898 foi fundada em Sines a Sociedade Filarmónica. A 22 de Dezembro de 1928 é criada uma nova associação, União de Recreio e Sport Sineense que une a Sociedade Filarmónica com o Sport Club Sineense. A cidade de Sines tanto antes da

fusão como posteriormente era constantemente “invadida” pela Sociedade em festividades e eventos na vila principalmente nas festividades mais importantes como era o caso do Natal e da Páscoa. A Banda foi actuando em várias actividades importantes para a vila, sendo estas: Touradas, festividades cívicas, inaugurações, actividades desportivas e gincanas de automóveis. Na passagem de ano, a banda saía para cumprimentar o Presidente da Câmara Municipal e outras figuras importantes. A Sociedade para além de todas as actividades descritas a cima, era também responsável pelo coreto no Rossio onde aconteciam concertos. Durante muitos anos a União de Recreio e Sport de

Sines (URSS) foi a banda sonora constante de Sines.

No dia 8 de Março de 1986 foi criado e sediado em Sines o Teatro do Mar, fundado por Julieta Aurora dos Santos e Vladimir Franklin. Este Teatro tem como principal foco o homem contemporâneo e a sua situação perante a ideia de progresso e transformação da sua identidade e das memórias afectivas e culturais. O Teatro do Mar está orientado para o espaço público, isto é, para o Teatro de Rua, cruzando a linguagem corporal com o circo, dança, música e novas tecnologias de vídeo, procurando afirmar-se universalmente e cativar qualquer público.

Apresenta-se em vários festivais nacionais e internacionais, atribuindo um importante papel cultural com a cidade de Sines, por meio de criações artísticas com a comunidade. Ao longo do ano estabelece um plano de actividades para as diferentes faixas etárias, desenvolvendo um programa educativo e uma actividade formativa para a comunidade.

Em 1999 surgiu a Associação Recreativa de Dança Sineense, que tinha como objectivo retribuir a procura pela dança no Alentejo Litoral. A associação promove aulas de danças na cidade de Sines e ao longo da Costa Alentejana, sendo que os



Fig. 25. Associação Recreativa de Dança Sineense em espectáculo em Santiago do Cacém.

dançarinos desta associação estão em primeiro lugar em todos os escalões que concorrem. Uma vez por ano desde o ano 2000 que organizam um Festival Alentejo de Danças de Salão e Latino-Americano.

A 20 de Agosto de 2005 é inaugurado na cidade o Centro de Artes, situado no início da rua principal da cidade reforçando a ligação entre a cidade e o mar, criando a entrada para o centro histórico de Sines. O edifício alberga salas de exposição, biblioteca, auditório e o arquivo histórico Municipal.

Por último no ano de 2008 foi inaugurado em Sines um projeto dirigido pela Associação Pro-Artes de Sines como empreendimento da Câmara Municipal. Em dois edifícios da cidade, desenvolvem-se actividades musicais e outras artes, tanto no concelho de Sines como em todo o Alentejo Litoral. Os programas são praticados no antigo edifício da Câmara velha, concedido pela Câmara Municipal quando recuperado pelo Programa de Regeneração Urbana de Sines.

Conclui-se que a cidade contém várias actividades ligadas ao mundo das artes, e que para a população de Sines estas são



Fig. 26. Audição da Escola de Artes do Alentejo Litoral.

importantes para o seu quotidiano. Como tal, pretende-se juntar estes diferentes tipos de performance num lugar só, criando uma relação mais resistente com a população. Para além destas actividades permanentes, também são muito valorizadas na cidade as actividades sazonais, daí pretender-se criar um espaço que dê apoio a ambas, espaço este de performance para cidade tanto temporariamente como permanentemente.





Fig. 27. Festival de Musicas do Mundo. Sines. Mário Pires, 2016



Fig. 28. Idem



Fig. 29. Idem



Fig. 30. Idem

## ACTIVIDADES SAZONAIS EM SINES

Ao longo do ano, várias atividades decorrem na cidade de Sines, desde festivais a festas tradicionais, em que o palco é a cidade. O Festival de Músicas do Mundo ocorre todos os verões na cidade de Sines desde 1999. Este festival decorre durante o mês de Julho em duas localidades do concelho de Santiago do Cacém: Sines e Porto Covo. Na cidade de Sines há espetáculos em três palcos diferentes e todos situados no coração da cidade: no Castelo, na Avenida Marginal da praia Vasco da Gama e no Centro de Artes. O público foi aumentando ao longo dos anos, tendo sido regista do o numero máximo de 80 mil espectadores. O FMM foi também incluído na lista dos 25 melhores festivais de

World Music do mundo numa revista Britânica.

Para além do grande acontecimento que é o festival de músicas do mundo, existem também duas festas tradicionais muito importantes na cidade.

O Carnaval de Sines decorre durante dois dias, tendo atividades diurnas e noturnas, sendo reconhecido a nível nacional pela mistura de espírito satírico e criatividade da população, adaptando a energia do carnaval brasileiro. É algo em que toda a cidade se envolve.

A Festa da Nossa Senhora das Salas ocorre no dia dois de Agosto. É uma festa em que a população de Sines se reúne em duas igrejas - a capela da Nossa Senhora das Salas e a Igreja da Matriz- para assistir a uma missa e segue em procissões pelas ruas do centro histórico da cidade e em traineiras dos pescadores pelo mar fora.

É evidente que Sines tem uma grande ligação às festividades e ao espectáculo, e que este pode decorrer em qualquer lugar, sendo este local um palco ou não, pois a própria cidade é o palco para as festividades.



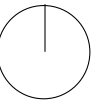


Fig. 31. Carnaval de Sines.



Fig. 32. Festa de Nossa Senhora das Salas.

Fig. 33. Planta de análise dos edifícios e jardins públicos da cidade . Escala 1 : 5000





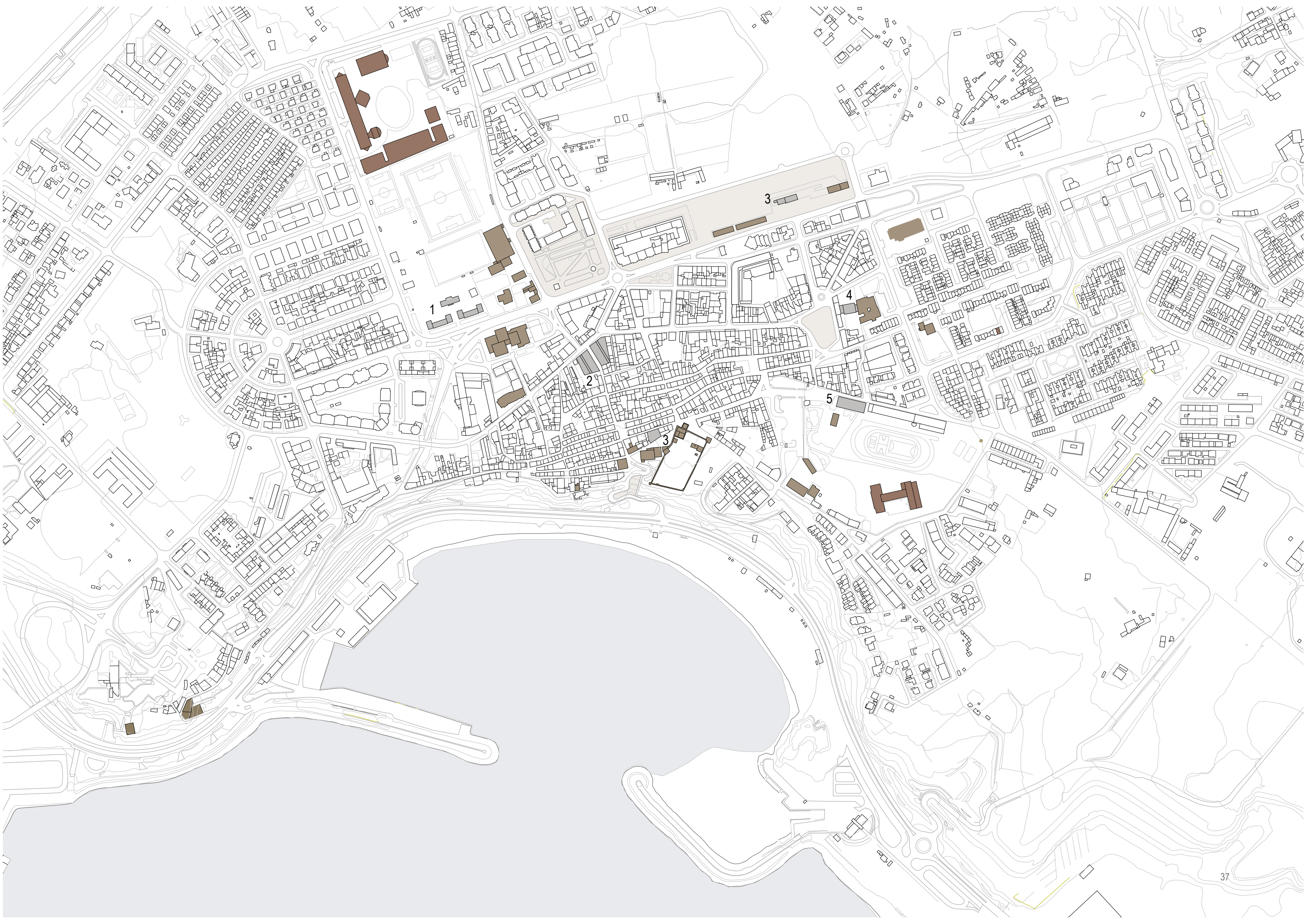






Fig. 34. Nova Iorque, Estados Unidos.



Fig. 35. Bairro de Baklandet em Trondheim, Noruega.

## ESPAÇO PÚBLICO DA CIDADE

Em “Life Between Buildings” de Jan Gehl, o Espaço público é o espaço positivo da cidade, o espaço de interação social, um espaço de reunião e de convívio.<sup>2</sup>

Este espaço é gerado pelas diversas atividades que decorrem no seu perímetro e pelas pessoas que o percorrem. Não é apenas um local de passagem, mas também um local de estar. Existem várias atividades que decorrem numa cidade, sendo umas praticamente obrigatórias como o trabalho, os edifícios comerciais, escolas etc. Para além destas atividades existem as que são criadas pelas pessoas, atividades de permanência, e que podem fazer de um espaço público, um espaço cheio ou vazio. Podem ser simplesmente ações como sentar-se na rua a observar, jogar um jogo de xadrez, ver quem está a passar ou ter

uma simples conversa. Estes atos são importantes no elemento físico da cidade, pois são estas atividades e são estas pessoas que chamam mais pessoas.

As atividades obrigatórias e as opcionais completam-se uma a outra. Tal como encontramos no livro de Jan Gehl “Life Between Buildings”, existe actualmente uma percentagem crescente de atividades opcionais – activas e passivas - em detrimento das atividades de carácter necessário.<sup>3</sup>

Entendem-se por atividades passivas, atividades de estadia minimamente prolongada, por exemplo, almoçar numa esplanada, ler um livro num banco de jardim. Entendem-se por atividades activas um simples passeio de bicicleta ou uma corrida ao fim do dia. Os espaços públicos de uma cidade definem o carac-

ter de vida dos seus habitantes. O espectro de uma cidade pode ser descrito de duas maneiras extremamente opostas: temos exemplos de cidades de grande área, com grande tráfego, com longas distâncias entre diferentes destinos onde a presença de pessoas na rua é muito pouco evidente.

No outro extremo, temos as cidades de pequena área com edifícios de pequena escala, pouco tráfego e com distâncias curtas entre as suas funções, dando assim a possibilidade de as ruas se encherem de pessoas. É também visível nas grandes cidades, o contraste entre os exemplos de espaços dados anteriormente. Encontram-se zonas mais densas com edifícios mais altos e ruas que servem mais como deslocação do que espaços de permanência. Temos também bairros, normalmente mais res-

idenciais, onde há uma preocupação em manter edifícios mais baixos criando uma melhor relação de escala do edificado e do espaço público que o envolve, permitindo uma melhor vivência do mesmo.<sup>4</sup>

Com base no conhecimento das situações anteriores, há uma preocupação nos dias de hoje ao projectar espaços públicos em zonas densificadas, em desenvolver novos espaços permanência em oposição a espaços apenas de passagem. É um exemplo bastante evidente o projecto de Jan Gehl em Times Square e as Avenidas envolventes na cidade de Nova Iorque.

Ao estar a lidar com edifícios de grande escala opta-se também por aumentar a escala do espaço público e criar atracções para o mesmo.





Fig. 36. Cidade de São Paulo, Brasil.

Sines, em contraste com o exemplo dado anteriormente, é uma cidade de pequena área, como descrito no segundo exemplo, deste modo tem uma grande potencialidade de criar estes espaços intermédios onde as pessoas circulam constantemente dando a possibilidade de permanência e de serem ocupados.

Uma cidade não é feita só de edifícios, há que reconhecer que são as pessoas e os eventos que a constroem. É por esta razão importante que há que ter em conta que se deve projetar não só locais de passagem, de deslocação de um ponto para o outro, mas deve-se projetar também, locais que deem possibilidade de permanência e de serem ocupados, espaços que pertencem à cidade e todos os seus cidadãos.

A Praça é, e sempre teve, ao longo da história um carácter

muito importante na vida da cidade, é um espaço de encontro da comunidade e um espaço rodeado de edifícios com atividades importantes e sociais, é um local de reunião e um espaço de referência da cidade. É o centro da vida económica, cívica, social e cultural e que cria contacto entre as pessoas.

Grandes cidades na Europa são marcadas pelas suas grandes praças e grande parte delas originam-se em torno destas. No entanto, não é só nas grandes cidades que estas têm importância, mas também nas pequenas como é o caso da cidade de Sines. Sines já teve esta possibilidade, esta praça, este local central de encontro e movimento.

Hoje em dia, apesar de conter esse nome, a Praça da República não faz jus à sua verdadeira função. Apesar de não ter um espa-



Fig. 37. Liubliana, Eslovénia.

ço exterior central dedicado à reunião da população da cidade, Sines contém várias actividades de teor público durante o ano como já referido anteriormente, faltando apenas um espaço que as reúna e que apoie a vida quotidiana da cidade.

Há assim uma crescente preocupação nos dias de hoje em criar espaços de encontro e estadia com diferentes escalas e envolventes, locais de frequente passagem com indício de passarem a ser de paragem, onde os habitantes fazem uma pausa da sua rotina para mais tarde a retomarem.

2. Jan Gehl. Life Between Buildings, Using Public Space. Washington: Island Press. 2011
3. Idem p. 9
4. Idem p.31





Fig. 38. Caminhar pela cidade. Lisboa.



Fig. 39. Caminhar pela cidade.



Fig. 40. Actuar no espaço público.

## ESPAÇO CÉNICO

Segundo Lefebvre em *“The Production of Space”*, não se entende um espaço social pela sua história nem pela sua natureza, não é pela soma dos objectos que nele existem que os percebemos, mas sim, através das acções que nele decorrem e que lhe atribuem um tempo e um espaço.<sup>5</sup>

É neste raciocínio que Andreia Garcia refere em *“Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade”* que a cidade foi gerada desde o início com intenção de dar oportunidade a espaços de reunião onde o quotidiano toma lugar, onde as relações sociais se concretizam. O ensaio social da cidade canaliza-se na praça que desvaloriza a importância da rua como um lugar de representação urbana.<sup>6</sup>

*“O espaço público, acessível a todo o colectivo humano que, na sequência das experiências, dos encontros dos rituais do espectáculo do quotidiano, resulta numa acção encenada à escala da cidade onde cada um de nós interpreta uma personagem, ou é espectador, em ambos os casos, figuras determinantes para que ocorra o acto teatral do quotidiano.”<sup>7</sup>*

O espaço cénico não se limita a um palco, pode ser apropriado a qualquer local onde ocorre uma acção. Qualquer pessoa ao caminhar pela cidade, ao praticar os rituais do quotidiano, interpreta uma personagem no espaço público, o próprio quotidiano

é um acto teatral.

A acção que uma pessoa desempenha no dia a dia é observada por outra independentemente de ser esse o objectivo ou não, passa-se a ter um actor e um espectador e o local onde estes se encontram rapidamente pode ser compreendido como espaço cénico, um exemplo é quando se está a andar pela rua e de repente assiste-se a uma discussão entre duas pessoas, alguém a falar ao telefone e inevitavelmente se ouve a conversa ou simplesmente uma pessoa a passar que nos desperta o olhar. São estas simples acções que ao decorrerem podem captar o olhar e sem ninguém se aperceber é dada uma performance informal

por uma rua da cidade.





Fig. 41. Permanecer no espaço público.



Fig. 42. Espaço de encontro e estadia.

5. Henri Lefebvre. *The Production of Space*. Trad. Donald Nicholson-Smith. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing, 1991. pp. 72-73

6. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 25

7. Idem pp. 32-33



*“No centro está a praça, lugar por excelência das práticas sociais, políticas e culturais, o palco”<sup>8</sup>*

8. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 51





Fig. 43. Péricles a discursar na Ágora e a Acrópole ao fundo.

## EVOLUÇÃO DA PRAÇA COMO ESPAÇO CÊNICO NA CIDADE

Desde os tempos da cidade Grega que a Ágora teve extrema importância no desenho da cidade. Era o local de conversa, de discussão, eloquência e política, era o local de representações teatrais que tomavam lugar em locais públicos como a Ágora em Atenas. As ruas e praças eram preenchidas por festas de primavera e peças, em que atores e dançarinos se juntavam. A cidade de Atenas era conhecida pela importância que os seus cidadãos davam às artes, à religião e à reflexão. A arena da cidade Grega era um local de rituais e de cultos, um local de cerimónias que juntava toda a comunidade e em que todos participavam.

A avenida, atravessava diagonalmente a ágora, era a via comercial, criando assim uma ligação entre o palco e a vida cívica. A praça foi assim desde o começo, como refere Andreia Garcia, *“um palco onde a cena diária da vida social, económica e política acontecia e que não era um mero lugar público, mas a zona central da cidade, o seu coração urbano vivo”* e no caso da cidade Grega, a Ágora.<sup>9</sup>

Já nos tempos do teatro Dionísio (Deus do vinho), que o palco e arquitetura não tinham limites, o cenário era obtido através do espaço envolvente, resumindo-se a um espaço de dança e de

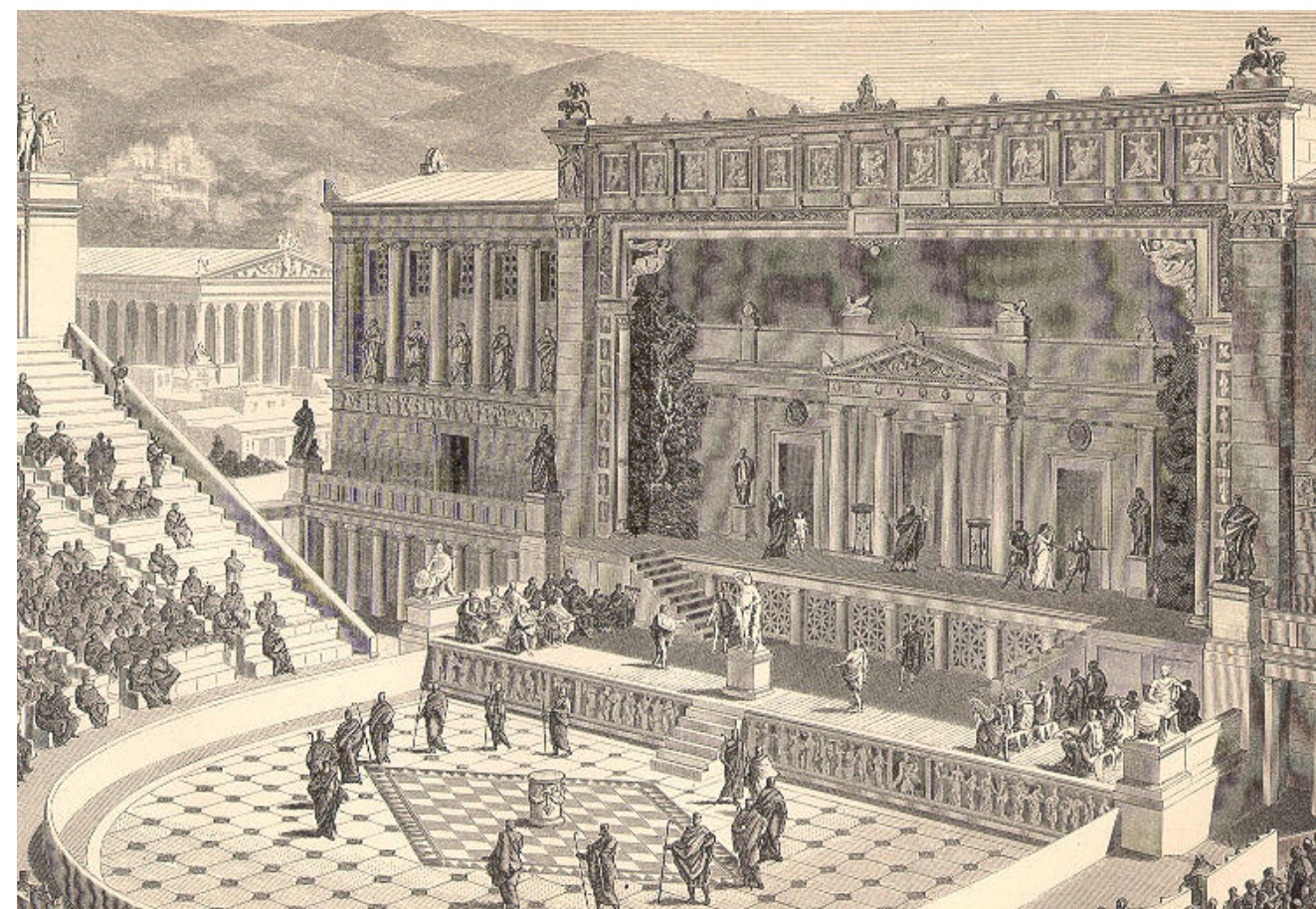


Fig. 44. Teatro Dionísio no séc. XIV.

orquestra, onde o palco não continha qualquer bloqueio ao encantamento visual, poderia assim o cenário ser a própria cidade, o mar, o céu ou as montanhas. É necessário referir que desde cedo o local da praça na cidade Grega tinha que ser cuidadosamente pensado, de modo a albergar as melhores condições visuais para a criação de espetáculo.

Tal como é referido na obra *“Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade”* Pérgamo, cidade Turca, foi desenhada tirando partido da sua topografia em que os bairros eram contruídos em socalcos, os edifícios eram desenvolvidos em plataformas com variadas

cotas, criando assim, uma relação com o espaço cénico e dando, várias experiências visuais à cidade, criando vários palcos à vida cénica da cidade.<sup>10</sup>

O Fórum em Roma assemelhava-se à Ágora de Atenas, local de encontro, de jogos cénicos, de combates entre gladiadores e corridas de quadrigas. Os jogos e as festas faziam parte da vida quotidiana, e para as receber a cidade era composta de grandes anfiteatros, banhos públicos, teatros e arenas, com escalas suficientes para entreter toda a população. Segundo Andreia Garcia no que diz *“respeito do estilo de vida que caracterizava o homem*





Fig. 45. Pintura da Piazza Del Campo, Siena, Itália.

*Romano e que tornava o quotidiano único, comprova-se(...), que são estas atividades socioculturais que atribuem o sentido de comunidade à cidade(...)*.<sup>11</sup>

Na Idade Média, a praça e o mercado eram um espaço de liberdade e franqueza, um espaço de familiaridade onde se originavam os dramas e local de entretenimento.

Várias cidades eram fortemente relacionadas ao teatro e ao espetáculo, tal como acontecia nas cidades italianas, Siena e Veneza.

Siena contém a Piazza del Campo, onde os habitantes se reuni-

am, , os negócios eram concretizados e as festas decorriam, e onde corridas de cavalos aconteciam, reunindo a população para assistir. Esta praça desnivelada criava uma plateia natural para o espaço cénico, em que os edifícios que a rodeavam continham fachadas onde se desenhavam janelas homogenias que operavam como bancadas.

Em Veneza, a relação entre as praças (São Marcos e Piazzeta) abraçava o espetáculo, onde a arquitetura era usada como meio de simbolismo para o propósito das peças. *“As praças, ruas, os mercados e todos os quadros urbanos são determinados es*



Fig. 46. Pintura da Praça de São Marcos em Veneza, 1730-34.

*paços cénicos, cujo lugar de ação recorre a dispositivos decorativos ou de cariz arquitetónica que identifica e acentua o carácter teatral da cidade*”.<sup>12</sup>

Na época Barroca, as cidades começam a ter uma necessidade de uma apresentação mais teatral, onde os jardins para além das praças abriam portas para um novo palco e diferentes efeitos cénicos.

9. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 53

10. Idem p.58

11. Idem p.64

12. Idem p.72





Fig. 47. Pintura da fonte de Apolo nos Jardins de Versailles, 1680

São exemplos os jardins de Versalhes e Vaux-le-Vicente onde a cenografia não encontrava limites. A arquitetura Barroca das cidades era desenhada permitindo atos teatrais e espaços cénicos para a expressão popular. Em Portugal começou-se a revelar o interesse pelas artes cénicas, cujo auge é atingido com a Ópera do Tejo de Giovanni Carlo Sicino Galli Bibiena.

Os espaços públicos de grande escala e importância na cidade encontram-se tipicamente nas intercepções dos seus principais eixos. A Praça Concórdia de Paris, é a ligação de dois eixos. Uma área sem obstáculos em que o movimento fluido era permitido, e a liberdade era concretizada, o espaço desta praça era

palco de festividades e de rituais, que instaurava um ideal iluminista. São também exemplos a Praça de Royale em Bruxelas, a Praça Amalienborg em Copenhaga e a Praça do Comércio em Lisboa.

O espaço cénico como espaço público da cidade ganha força, deixando de acontecer apenas nos “palcos”.

Um exemplo é o teatro Konzerthaus, na praça de Gendarmenmarkt em Berlim que é palco de espetáculos à escala urbana, a praça desenhada por Johann Arnold Nering com duas igrejas idênticas nas extremidades opostas do teatro é uma das mais notórias da cidade.



Fig. 48. Praça do Comércio, 1901





Fig. 49. Praça de Gendarmenmarkt em Berlim, Alemanha.



Fig. 50. Artistas de Rua. Lisboa.

Mais tarde, com o aparecimento do automóvel, as cidades começam a perder o seu espaço público, os jardins passam assim a parques de estacionamento e as avenidas a vias rápidas. Dissipa-se o carácter de reunião e espaço cénico, a urbanidade da cidade em que os seus centros eram espaços de convívio. Como consequência são criados vários planos urbanísticos que reforçam a ideia de comunidade e de espaço central, tais como: O plano de Unwin e Parker de Letchwork (1904) para a primeira cidade jardim desde que as avenidas convergem numa praça central e o plano de Liepzig-Lossnig, Siedlung de Gemeinnutzigen que é criado em torno de uma praça com o objetivo de espa-

ço central, de reunião e de convívio.

Actualmente, a cidade contemporânea é um espetáculo puro, que não se concentra apenas nas salas e estende-se para espaços que fogem ao estandardizado, onde o público está em comunhão com a representação.

Servem como exemplo, os artistas de rua que encenam ou praticam música com o propósito de atrair as pessoas que por eles passam ou os espetáculos esporádicos que tiram os artistas do palco de dentro dos edifícios para o ar livre em que a plateia abrange um maior numero de pessoas do que no seu interior.



Fig. 51. Arista de Rua. Lisboa

*“ O espectáculo, é a cima de tudo, isso mesmo, no sentido em que interrompe a vida quotidiana. Em determinados momentos e lugares e o espectador não surpreende por ser interpelado por uma festa, demonstração lúdica ou ornamentações exuberantes, tanto num palco convencional, quanto numa cidade, ente o público ”* <sup>13</sup>

Há medida que as cidades se foram desenvolvendo, os espaços abertos foram-se justapondo às necessidades e oportunidades do contexto, onde a diversidade das cidades se reúne e como Quentin Stevens alerta, *“é nos espaços públicos abertos que as*

*pessoas são mais capazes e estão mais propensas a envolver-se e a reunir-se com a diversidade social”*. <sup>14</sup>

Com o crescimento cívico cultural da cidade industrial, cresceram também as artes, os museus, as operas e salas de concertos, evoluíram consequentemente os espaços que envolvem estes edifícios de carácter público.

Tem-se como bom exemplo, o Largo de São Carlos em Lisboa, situado á frente do Teatro de São Carlos.

As atividades temporárias começaram a ocupar os espaços públicos dando uma nova vida às cidades, atividades que tornavam os cidadãos mais ativos, Bishop Peter e Lesley Williams suger





Fig. 52. Festival ao Largo. Largo de São Carlos, 2017

em que os usos temporários podem criar um impulso e um perfil de mercado para um local que pode acelerar o seu eventual desenvolvimento permanente.<sup>15</sup>

Os eventos culturais têm assim uma extrema importância para as cidades, sendo pensados e programados de maneira a criar uma maior coesão entre construído e espaço público. É nestes que se partilham as culturas, e que levam os seus cidadãos a saírem para o exterior e a descobrirem a cidade, em vez de permanecerem em casa e experienciarem por meios digitais, trazendo vitalidade às cidades. Quando decorrem festivais, estes têm capacidade para transformar toda a natureza do local, os

espaços físicos são alterados para as performances, criando assim diferentes memórias num mesmo espaço onde a sociedade se encontra e reinventa a própria cidade.

A cidade começa aos poucos a desenvolver-se como palco cénico, onde a imaginação e a representação quotidiana fazem parte da imagem desta.

13. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 130

14. Quentin Stevens. *The Ludic City, Exploring the potential of public spaces*. New York: Routledge, 2007. p.5

15. Bishop Peter; Lesley Williams. *The Temporary City*. London e New York: Routledge, 2012. p.179





Fig. 53

## GUIMARÃES, CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA DE 2012

Como forma de obter resposta às necessidades de Sines, foram analisados vários casos de estudo no qual um se destacou. No livro “Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade” de Andreia Garcia é feito um estudo em relação à cidade de Guimarães, e às transformações feitas ao longo da cidade.

Guimarães é uma das cidades mais históricas de Portugal, e o berço da Nação. Ao longo do seu crescimento, a cidade foi-se desenvolvendo como centro urbano, crescendo industrialmente e comercialmente. É uma cidade onde o espaço público era antigamente um local de reunião, de feiras, mercados e corridas de Touros, onde a praça urbana era um elemento fulcral e onde se desenvolviam espectáculos dramáticos que se estendiam do interior das casas privadas para o exterior. Festas e tradições decorriam e a cidade era o palco.

Em 2012, a iniciativa criada pela União Europeia de nomear uma cidade europeia e promove-la durante um ano, com o propósito de partilhar a cultura das cidades com o resto do continente, nomeou a cidade de Guimarães como a Capital Europeia da Cultura (CEC).

Esta iniciativa promoveu a reabilitação urbana, focando-se na participação dos habitantes, caminhanças e visitantes como actores na ordenação urbana, em que a cidade é o palco do dia a dia.

Foram desenvolvidas quatro áreas para o melhoramento urbano da cidade: Comunidade, Pensamento, Cidade e Arte sendo que esta última se concentrava no cinema, artes performativas, música, arte e arquitectura. Foram realizados quatro tópicos: A cidade das utopias, a cidade das artes, a cidade das redes e a cidade



Fig. 54

dos cidadãos.

Foram escolhidos diferentes espaços para serem intervencionados, onde o espectáculo e a cenografia se fundiam com a arquitectura e com o quotidiano. Os espaços públicos foram trabalhados e ampliados, tal como refere Andreia Garcia em “*Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade*”:

*“Guimarães 2012 fez da cidade, em vez de um museu, um espaço público vivo, celebratório, convivial, surpreendente, onde se combinaram espaços tradicionais de intervenção artística com novos espaços de criação e exibição, convencionais e museológicos, uns, reconvertidos, efémeros, ou mesmo improvisados, convidando à reflexão entre públicos e audiências, sobre colecções e curadoria, sobre rupturas e espaço público, sobre*

*contextos e novas linguagens.”*<sup>16</sup>

Ao longo da requalificação dos espaços urbanos da cidade, várias praças foram reactivadas.

A Praça do Toural é um espaço de centralidade e de encontro da cidade, um espaço de manifestações e festejos, que foi sofrendo várias configurações ao longo dos anos. Uma equipa da Universidade do Minho constituída pela arquitecta Maria Manuela Oliveira e pela artista plástica Ana Jotta, ficou encarregue de transformar a praça. Esta tornou-se num espaço mais amplo e aberto, proporcionando novas utilidades. A circulação automóvel foi reduzida e a praça tornou a ter o seu formato inicial, e consequentemente chamou um maior número de habitantes a frequentá-la.





Fig. 55



Fig. 56



Fig. 57

A memória da cidade foi restaurada graças à sua intervenção. A praça foi escolhida como palco de actuação do espectáculo La Fua dos dels Baus para o início de Guimarães 2012, onde a praça fazia parte do próprio cenário.

O arquitecto Marques da Silva reabilitou o edifício do Mercado Municipal e adaptou-o para a Plataforma de Artes e de Criatividade, transformando o espaço exterior e criando assim um novo espaço público, a Praça da Plataforma de Artes. Foi intensificada a relação entre o interior do mercado e o exterior que o envolve, como consequência do programa aí desenvolvido.

Para além destas duas praças, foram também reabilitadas a Praça da Oliveira, a Praça do Instituto de Design, a Praça da Fábrica da Asa e a Praça de Couros.

A Praça de São Tiago já teria sido reabilitada em 1987 por Fer-

nando Távora, onde já marcava o lugar de encontro, através de simples gestos propostos pelo arquitecto, tais como a uniformização do seu pavimento.

*“Os peões têm mais espaço e conforto ao caminhar por esta praça. Os moradores ressalvam melhor as entradas para as suas casas. Não há trânsito. A praça é das pessoas. Assim, a Praça de São Tiago passaria a ser um grande palco com cenários naturais, plateia, frisas e camarotes nas varandas coloridas de roupa, mais ou menos íntimas, a secar, como se fora tintas caídas de invisíveis cuias. Actores que precisavam de ensaiar. As peças eram a própria vida; os autores eram os seus intérpretes; o público eram os moradores e quem ali passava incluindo os turistas que sempre se extasiavam diante desta velha*

*praça”*.<sup>17</sup>

Guimarães 2012 transformou a cidade, principalmente o seu espaço público, uma nova experiência urbana foi integrada e o vazio passou a lugar. Guimarães é o exemplo de que um espaço histórico pode ser reactivado trazendo de volta o seu valor e recriar espaços de reunião.

*“As cidades são palcos de não lugares, esquecidos, escondidos e vazios, mas que são também entendidas como o maior centro de diversidade cultural, que revela como parte fundamental a sua expressão criativa e, em consequência, a geração de valor social e económico, a programação da cidade, reocupou, reabilitou e revitalizou o território criativo, sugerindo a sua apropriação tem*

*porária, encorajando os criativos a participar de forma colaborativa, os habitantes a valorizar as suas casas, os visitantes a interagir e a descobrir novas possibilidades, a cidade a experimentar novas leituras da tradição a arriscar novos lugares de encontro, a descobrir novos momentos e a criar novos públicos”*.<sup>18</sup>

16. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 223

17. Ribeiro Silva. *A minha Praça de S. Tiago*. Guimarães: Edição de Autor, 2012. p. 142

18. Andreia Garcia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual*. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. p. 237





MÚSICA



## MEMÓRIA AURAL DAS CIDADES

*“ Graças à memória o tempo não está perdido e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado ”.*<sup>19</sup>

À medida que uma cidade se desenvolve, a sua história cresce e altera-se, evoluindo com a cidade, o que permanece é a memória do lugar, uma memória que está ligada aos factos e relações que se foram construindo. A junção das memórias, da cultura e dos povos que por uma cidade passam, segundo Aldo Rossi, em “A Arquitectura da Cidade”, é considerada uma memória colectiva. É esta memória que nos ajuda a estudar e a compreender a estrutura urbana de uma cidade.

*“Uma vez que se pode dizer que a cidade em si é a memória colectiva das pessoas, e como a memória, é associada a*

*objectos e lugares. A cidade é o lugar da memória colectiva.”*<sup>20</sup>

Para o sociólogo francês Maurice Halbwachs, o que uma pessoa guarda na sua memória é algo que ainda está vivo, que está presente e que tem possibilidade de renascer. O presente e o passado coexistem, pois, o passado acaba por estar sempre presente.<sup>21</sup>

Sines é uma pequena cidade e com o impacto industrial transformou-se, e algumas memórias foram perdidas e com elas espaços de encontro da cidade. Porém, as famílias permanecem e a sua cultura também e não há pessoa que não nos consiga contar como era a vida nos primórdios de Sines, a vida dos pescadores e sobre as festas e a vida social que em Sines habitava. Outro factor importante da memória em relação às pessoas e às cidades é a música e a força que esta tem na consciência de

uma pessoa.

Como forte exemplo de que a música estimula a nossa memória, temos a importância desta no caso da doença de Alzheimer. Como a memória aural fica armazenada em zonas do cérebro diferentes das que guardam outras memórias, esta consegue ser um grande estímulo para pessoas com esta doença. Vários casos mostram a reacção de pacientes em estado de demência que não se lembram do que os rodeia, e quando são estimulados pela música, mostrando mais reacção, por vezes sabendo até a letra, cantando e ficando mais activos e propensos a responder a perguntas que antes tinham dificuldade.

A informação auditiva tem tendência a permanecer na memória, sendo capaz de ser evocada e resgatada quando necessário.

A memória da música está presente desde que nascemos, começando com as músicas de embalar e passando pelas músi-

cas infantis, de adolescência e posteriormente da vida adulta. É um facto que ao ouvir uma música, esta tem capacidade de nos levar para outro lugar, para outro acontecimento, lembrando momentos passados e transportando-nos até eles.

## A MÚSICA E O ESPAÇO ARQUITECTÓNICO

A Música e a Arquitectura são duas artes que estão progressivamente em contacto com o ser humano no espaço e no tempo. Desde as primeiras construções até à actualidade que a arquitectura revela a cultura e o património de uma nação. A arquitectura é um meio de expressão política de uma sociedade e em junção com a música tem a tendência de se tornar numa performance.

As obras arquitectónicas requerem uma grande interacção do público, que lhes dá vida, lendo, ouvindo, vendo, vivendo. Os edifícios ligados à cultura e à performance - literatura, cinema, ópera, música, teatro - ainda requerem e têm de proporcionar uma maior intensidade das pessoas que os habitam.

O ser humano tem vários sentidos e a arquitectura consegue interagir e interferir com estes de diferentes maneiras. Um exemplo é o muro, e como este interfere com o sentido visual, a partir

do momento que nos deparamos com este, deixamos ver o que se encontra por trás deste, passando a ser uma barreira para a o sentido visual. Não é o caso do sentido auditivo, pois este espalha-se em várias direcções, ultrapassando barreiras como as paredes e luminosidade, o som tem a capacidade de se transmitir tridimensionalmente no espaço, como é o caso da música.

*“Nós somos normalmente, mais sensíveis ao que ouvimos do que ao que vemos, o som de uma gota a bater numa folha, o ruído de um trovão, o assobio do vento na relva alta e um choro angustiado entusiasma-nos a um nível que o visual imaginário não consegue atingir. A música é para a maioria das pessoas uma experiência emocional, mais forte do que olhar para fotografias de cenários...Em parte, talvez, porque não podemos fechar os nossos ouvidos como podemos os nossos olhos”.*<sup>22</sup>

Para Yi-Fu Tuan, a audição é o sentido dominante no que toca à ligação emocional.

O corpo humano é impossibilitado de obstruir a capacidade auditiva e por consequente está sujeito a uma maior presença deste no seu dia a dia, desta forma “o som transporta o mundo exterior para a nossa consciência”.<sup>23</sup>

A qualidade musical está inserida em qualquer espaço, tendo como fim ser praticada ou não, pois a música não está presente apenas nos instrumentos musicais ela decide por si mesma onde existe e não se controla.

*“Oçam! Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, aplica e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estão fixos”.*<sup>24</sup>

19. Georges Poulet. *O espaço proustiano*. Imago, 1992. pp. 54-55

20. Aldo Rossi. *A Arquitectura da Cidade*. Trad. José Charters Monteiro. Lisboa: Edição Cosmos, 2001. 1ª edição 1984. pp. 192-193

21. Maurice Halbwachs. *La Mémoire Collective*. Paris: PUF, 1950.

22. Yi-Fu Tuan. *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Value*. New York: Columbia University Press, 1972. p. 8

23. Barry Blesser ; Linda-Ruth. *Aural Architecture*. 2007. “Sound transports the external world into our consciousness”. Trad. Própria

24. Peter Zumthor. *Atmospheres*. Base, Boston, Berlin: Birkhäuser, 2006. p.29. “(...)Listen! Interiors are like large instruments, collecting sound, amplifying it, transmitting it elsewhere. That has to do with the shape peculiar to each room and with the surfaces of the materials they contain, and the way those materials have been applied.” Trad. Própria.

Maurice Merleau-Ponty refere em “Phenomenology of Perception” que as qualidades de um espaço só podem ser verdadeiramente sentidas através da interacção com o corpo humano, quando o espaço é povoado.

A arquitectura e a música têm vários pontos em comum, apesar de duas artes diferentes, estas estão relacionadas de diferentes formas. Leon Battista Alberti refere que ao que o ser humano atrai na visão pode também atrair na audição, elementos como o ritmo, textura, harmonia, equilíbrio, dinâmica e proporção, podem estar conectados com a música e com a arquitectura.

*“Eu digo que uma catedral é construída de pedra, uma sinfonia de sons – mas são ambas construídas. Eu digo que arquitectura é estática e a música dinâmica, mas é só porque ambas possuem forma, Uma é uma extensão no espaço, a outra no tem*

*po – a arquitectura supera o espaço convertendo-o em forma; os seus arcos e espirais embora estáticos, sugerem movimento e crescimento. E a Música supera o tempo, convertendo-o em forma; a sua melodia e harmonia, embora dinâmicas (ritmo), sugerem espaço em algo que é estático. Noutras palavras, apesar de a arquitectura estar no espaço, não é do espaço, e apesar da música estar no tempo, não é deste”.*<sup>25</sup>

Até ao século XX, a Música funcionava como um método de encontro das pessoas, só podendo ser ouvida ao vivo, em concertos e pequenas performances.

Com a chegada do Vinil e mais tarde dos Cds, a experiência da relação de um indivíduo com a música passou a poder ser uma experiência mais individualista e introvertida, no entanto o ser humano mantém a necessidade de se reunir para ouvir música

e de a ver tocada ao vivo. A música continua a ser nos dias de hoje uma forma de expressão e interacção social.

O poder da música é imenso, o ouvinte pode estar na sala de concerto, como de repente, ao ouvir é transportado para outro lugar e tempo, a música tem essa força de nos levar para outro lugar e de reviver memórias, e tal como a música também a Arquitectura consegue criar essa sensação. Através da escala e materialidade, a Arquitectura consegue-nos transportar para diferentes épocas através da memória sensorial do espaço, como exemplo, temos os palácios antigos, que ainda permanecem na cidade e que ao visitarmos dão a sensação de voltar atrás no tempo, como se nos encontrássemos na época em que estes foram criados.

25. L. N. Higgins. *Music and Architecture in The Musical Times*. Vol. 66, No. 988, pp. 509-510. London: Musical Times Publications Ltd., 1925.



## O IMPACTO DA MÚSICA NO CORPO HUMANO

O corpo humano é sensível a vários estímulos no dia a dia e como já referido anteriormente a música é um deles. É impressionante como simples notas musicais podem afectar o estado de espírito de alguém. A música é um instrumento de diálogo que vai além do verbal, causando diferentes modos de transformação no estado emocional pessoal, afectando não só uma pessoa como toda a comunidade que a rodeia.

A música é importante para o corpo humano tanto em termos físicos como emocionais. Esta é estimuladora da actividade física diminuindo e aumentando a energia muscular. Desde há anos atrás que trabalhadores usavam a música como meio de atenuar a monotonia que o trabalho trazia.

A música actua nas emoções, movimenta e mobiliza, auxiliando o crescimento social.

Em qualquer espaço que passamos, que paramos e que nos

encontramos, o som está sempre presente, seja no som de uma pinga de chuva a bater no chão, na rádio dos carros que passam, na música que se ouve vindo de uma casa com as janelas abertas, no cantar dos pássaros e no vento que ressoa pelas árvores, e com cada som o ser humano tem tendência a ter diferentes emoções - alegria, tristeza, raiva, melancolia ou sensualidade.

A prática da música, principalmente quando é praticada desde a infância, ajuda no desenvolvimento cerebral. É também um exemplo da força da música, a capacidade que esta tem em mover as pessoas, como é o caso dos festivais de música, onde pessoas de diferentes países e culturas se juntam para ouvir um variado número de artistas, e como nestes momentos os conflitos são esquecidos e todos partilham o mesmo espírito de comunidade em sociedade.

Um grande exemplo é o festival Boom que se realiza no Norte de

de Portugal, e que tem como objectivo juntar diferentes identidades sociais num local só, privilegiando a comunidade, o contacto com a natureza e a consciência. É um festival que foi criado pelas pessoas para as pessoas, onde a harmonia social, a artes e a cultura desenvolvem-se.

ESCOLA DE MÚSICA

Após uma análise programática da cidade e das várias actividades educativas e culturais que nela ocorrem, tem-se como finalidade reunir no edifício público proposto uma Escola de Música e de Artes Performativas.

O edifício será concebido na área do Parque Desportivo Municipal João Martins e irá nascer da topografia da nova Praça, sendo o culminar da Avenida proposta. Engloba-se no seu interior o programa da Filarmónica de Sines que se encontrava nesta área anteriormente.

Para além do edifício principal que nasce no fim da Avenida, propõe-se criar diversos estúdios de Música e Teatro ao longo da

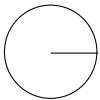
mesma. Tem-se como objectivo trazer um maior movimento e fluxo de pessoas com a expansão do programa do edifício ao novo eixo proposto na cidade.

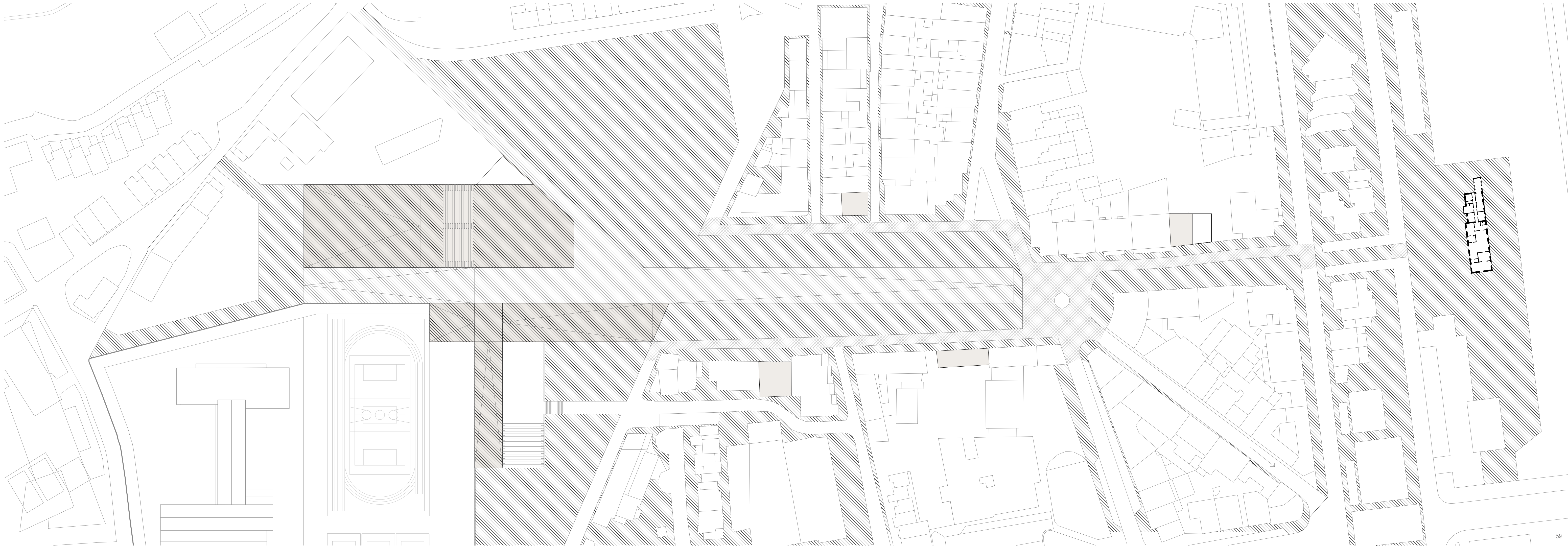
A intervenção a diferentes escalas no espaço irá criar ao longo da avenida várias intensidades de interacção social.

A escala e definição não restrita do espaço público da Praça permite a permeabilidade e flexibilidade para que estas actividades se desenvolvam.

Fig. 58. Planta de Implantação e Circulação. Escala 1. 750

- Programa
- Circulação Pedonal
- Circulação Mista

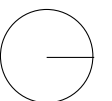


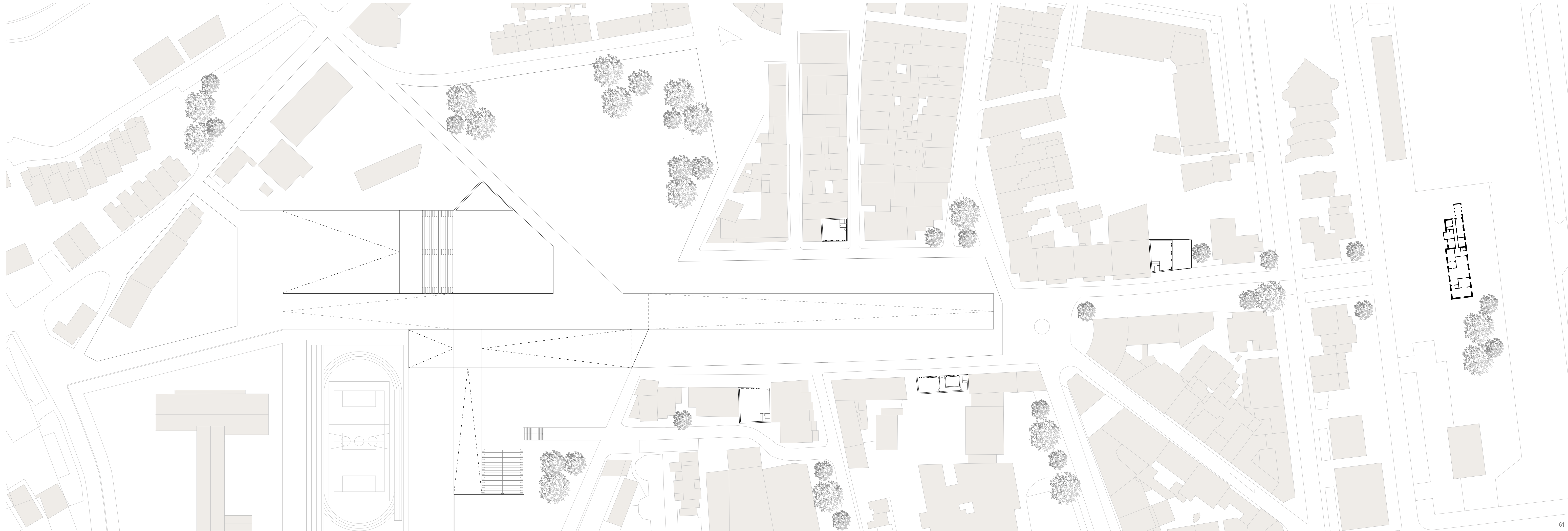




Os dois volumes contêm cada um, um anfiteatro, tendo a funcionalidade de dar apoio aos estudantes como objectivo principal, acrescentando um espaço de performance para quando decorrem actividades temporárias na cidade, como o Festival de Músicas do Mundo. Sendo assim, qualquer pessoa pode desfrutar destes anfiteatros. O edifício proposto e a avenida são um palco constante na cidade de Sines.

Fig. 59. Planta Cobertura e estudios de música. Escala 1. 750





O edifício desenvolve-se em dois volumes que irão ter uma ligação subterrânea entre eles. O volume situado a oeste irá concentrar no seu interior um auditório, um bar de apoio, uma cozinha, uma cantina e serviços técnicos de apoio à escola e ao auditório, tais como, uma sala de professores, secretaria e recepção. Sendo o auditório, um espaço de grande escala e um espaço para diversos tipos de espectáculos optou-se por parte das bancadas terem a funcionalidade de serem retráteis de modo a permitir vários usos do espaço, como por exemplo, concertos de orquestra com o uso de duas bancadas e uma peça de teatro com o uso de uma só.

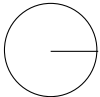
Situado a Este, o segundo volume contém as salas de aulas singulares e conjuntas. As salas possuem três proporções dif-

erentes, de modo, a corresponder a cada instrumento musical utilizado.

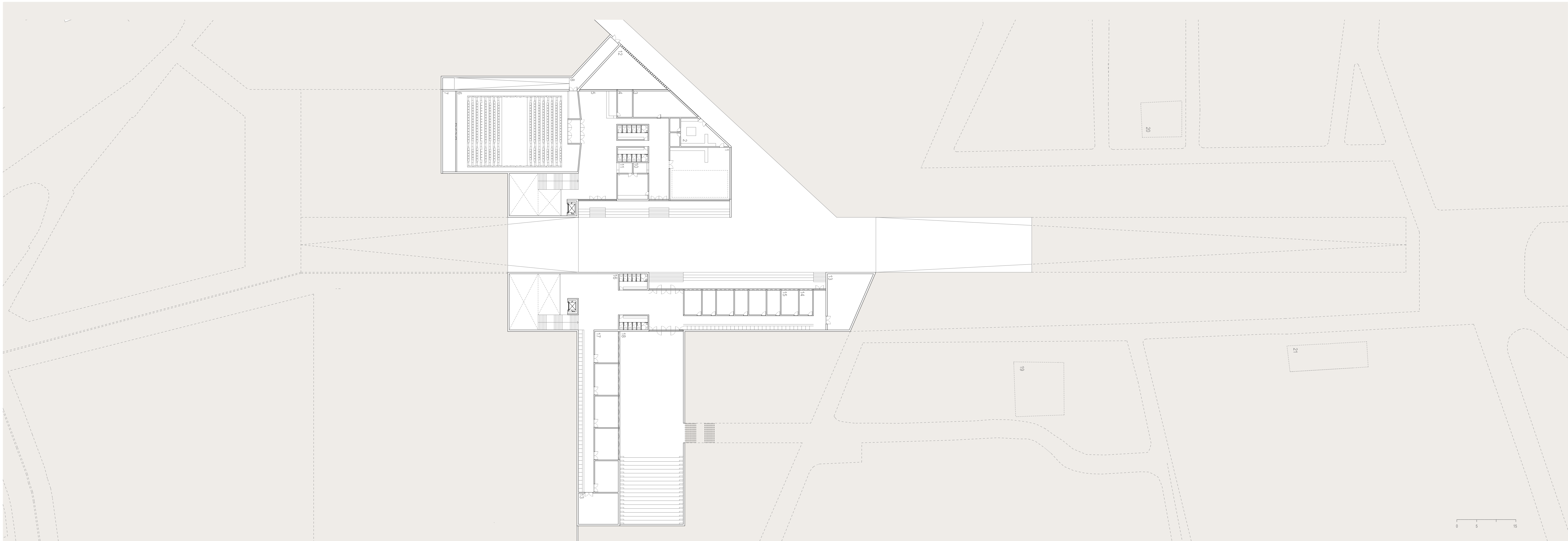
Todos os espaços de aula contêm janelas de sacada de fole, permitindo que os alunos pratiquem os seus instrumentos no exterior de modo a criar uma ligação com o espaço público e com as pessoas que por lá caminham.

Fig. 60. Planta Piso 0

|                               |       |                                                     |                             |
|-------------------------------|-------|-----------------------------------------------------|-----------------------------|
| 1. Cantina                    | 200m² | 12. Pátio                                           | 125m²                       |
| 2. Cozinha                    | 80m²  | 13. Sala de Aula Conjunta                           | 123m²                       |
| 3. Sala de Professores        | 85m²  | 14. Sala de Aula de Madeiras e Sopro                | 21m²                        |
| 4. Bar                        | 25m²  | 15. Sala de Aula de Cordas                          | 27m²                        |
| 5. Átrio para o auditório     | 260m² | 16. Átrio para as salas de aula                     | 145m²                       |
| 6. Auditório                  | 630m² | 17. Sala de Aula para Percussão, Metais e Saxofones | 48m²                        |
| 7. Sala de apoio ao auditório | 68m²  | 18. Anfiteatro                                      | 795m²                       |
| 8. Saída de Emergência        | 145m² | 19 / 20 / 21. Estudios                              | 150m² / 76m² / 108m² / 90m² |
| 9. Secretaria                 | 50m²  |                                                     |                             |
| 10. Recepção Escola de Música | 10m²  |                                                     |                             |
| 11. Bilheteira                | 10m²  |                                                     |                             |



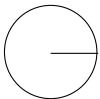




O piso subterrâneo une os dois volumes e contém dois camarins de apoio ao auditório, uma oficina e um armazém.

Fig. 61. Planta Piso -1

|                        |       |
|------------------------|-------|
| 1. Camarins            | 56m²  |
| 2. Oficina             | 180m² |
| 3. Armazém             | 130m² |
| 4. Saída de Emergência | 145m² |



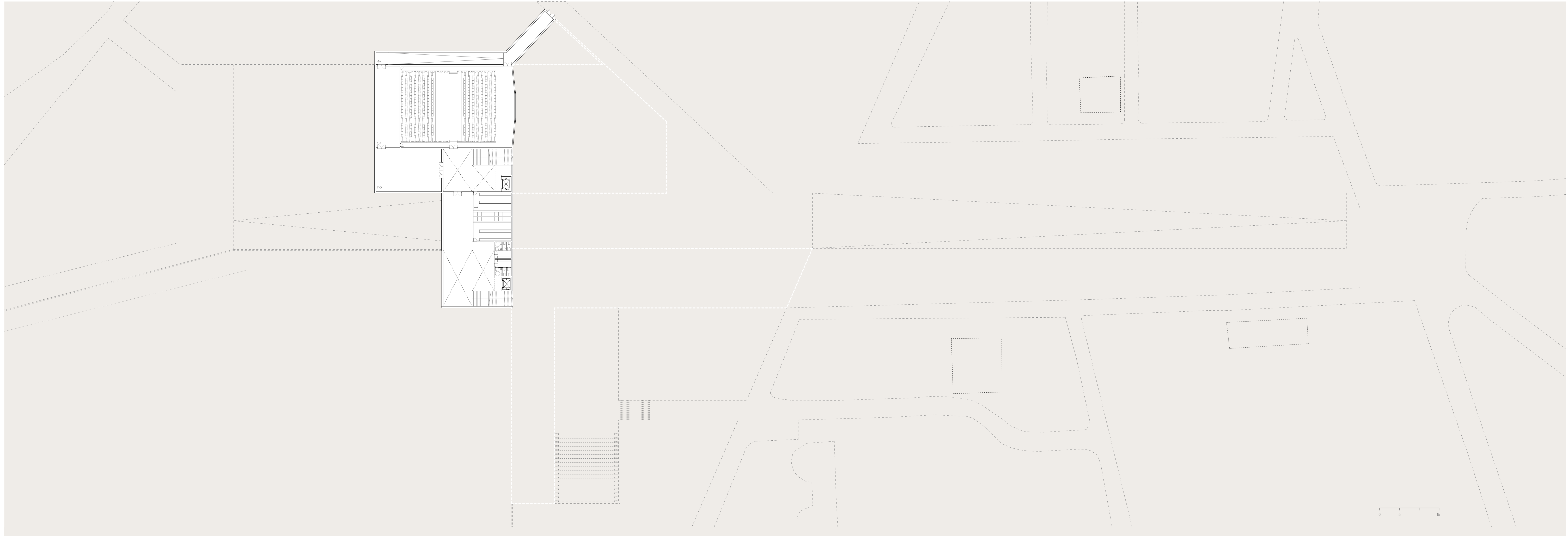
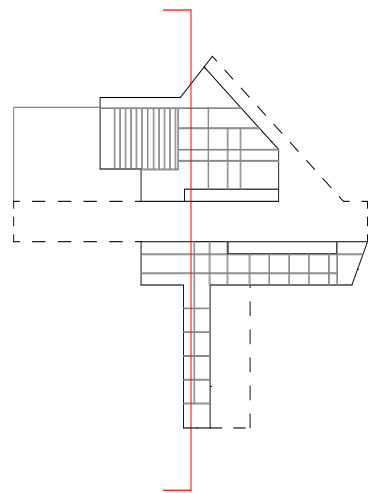
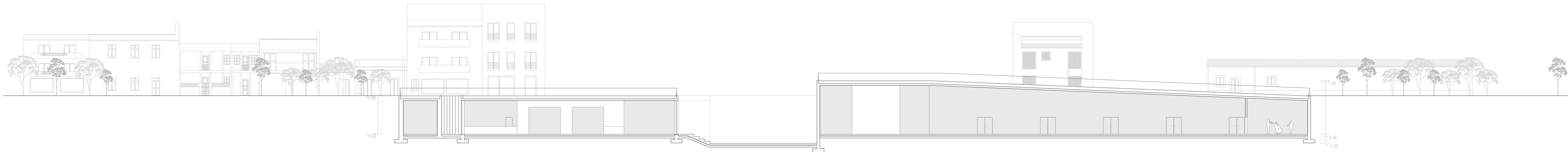




Fig. 62 Corte Transversal



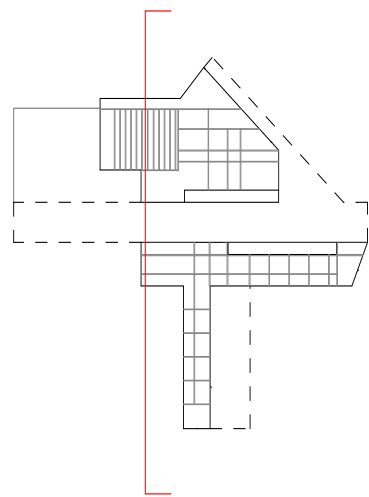


|                      |       |      |            |            |         |                         |                                       |                       |
|----------------------|-------|------|------------|------------|---------|-------------------------|---------------------------------------|-----------------------|
| Salida de Emergência | Pátio | Bar  | Bilhetaria | Secretaria | Avenida | Acesso às Salas de Aula | Salas de Percussão, Metais e Saxofone | Sala de Aula Conjunta |
| 4.50                 | 2.60  | 7.00 | 2.70       | 6.70       | 18.20   | 4.20                    | 6.20                                  | 41.40                 |
|                      |       |      |            | 27.60      |         |                         |                                       |                       |
|                      |       |      |            |            | 55.00   |                         |                                       |                       |

⋮



Fig. 63 Corte Transversal





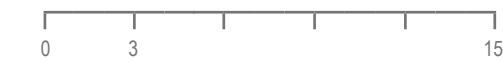
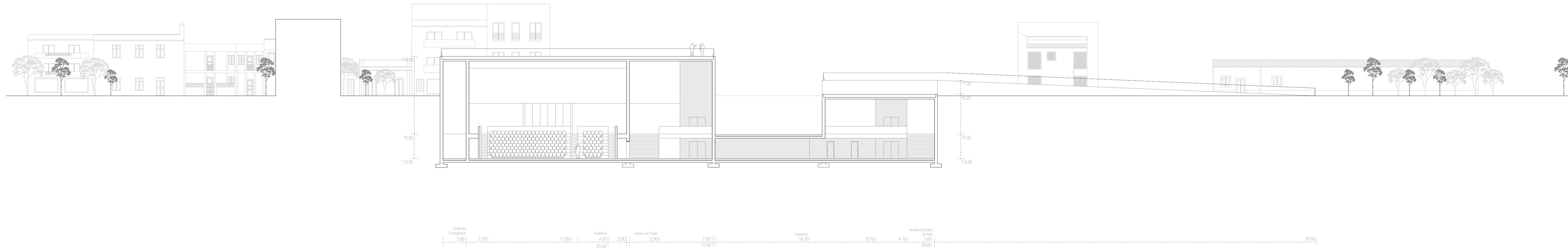
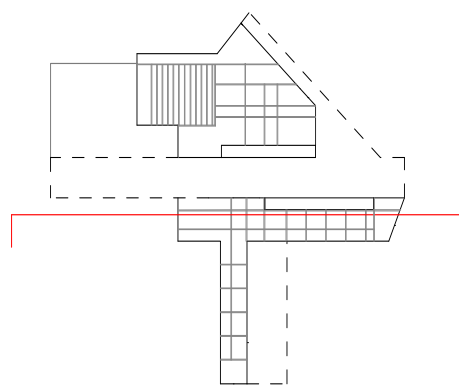


Fig. 64 Corte Longitudinal



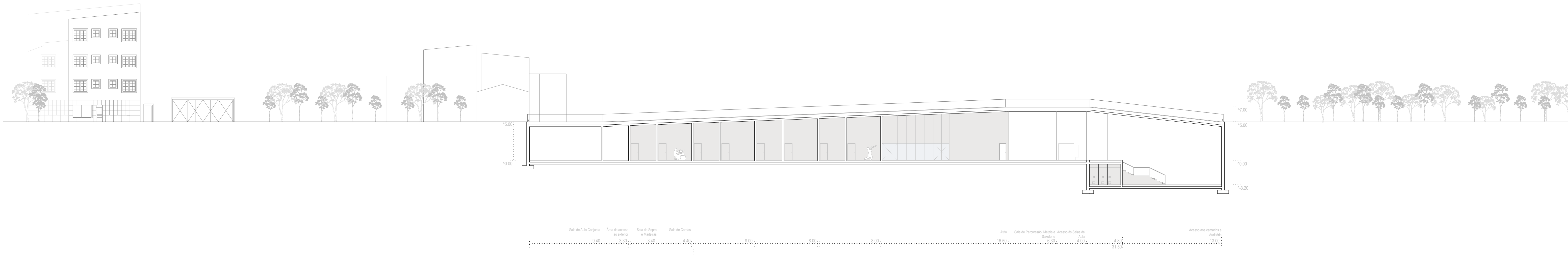
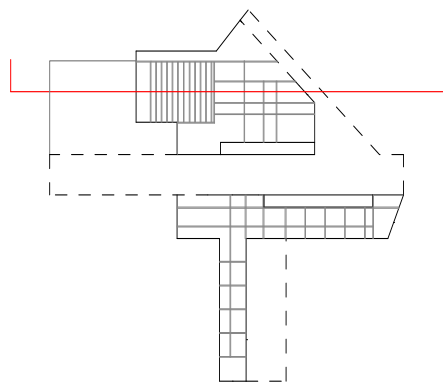
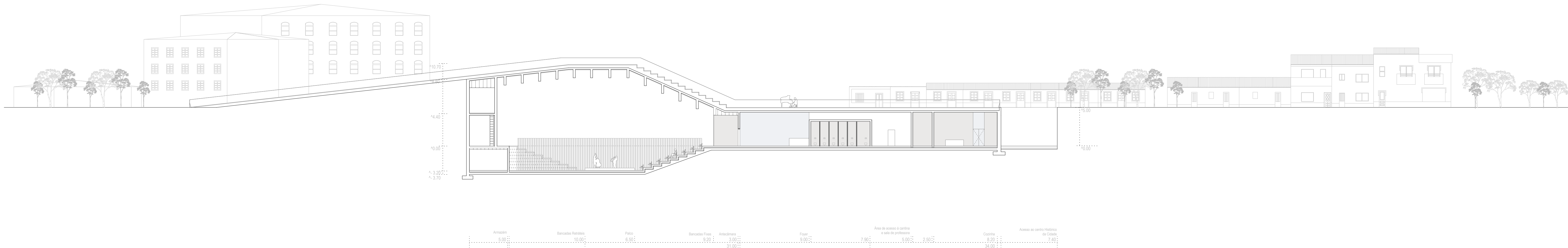




Fig. 65 Corte Longitudinal





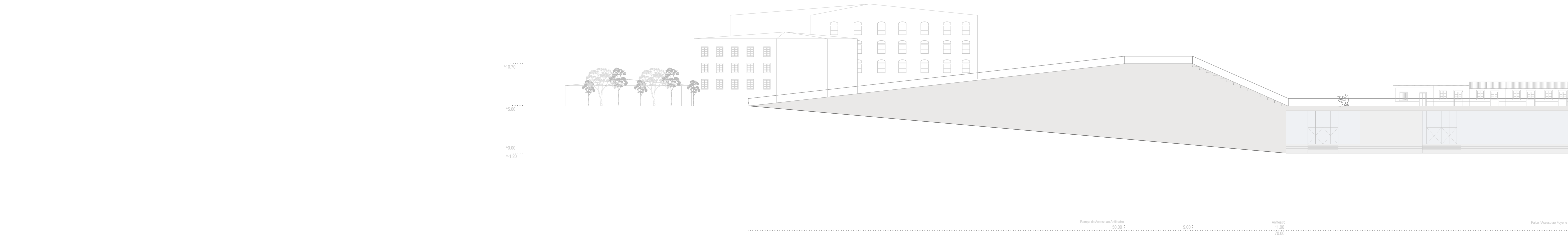
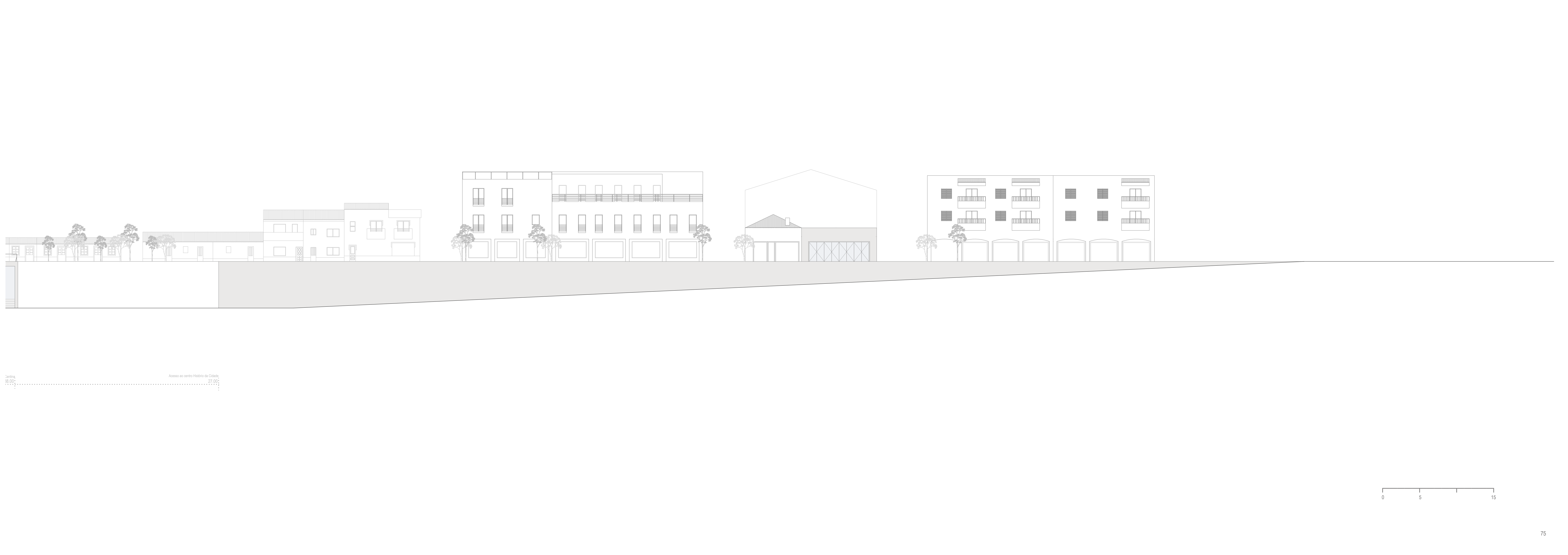


Fig. 66 Alçado Nascente





Carilina 18.00

Acesso ao centro Histórico da Cidade 27.00



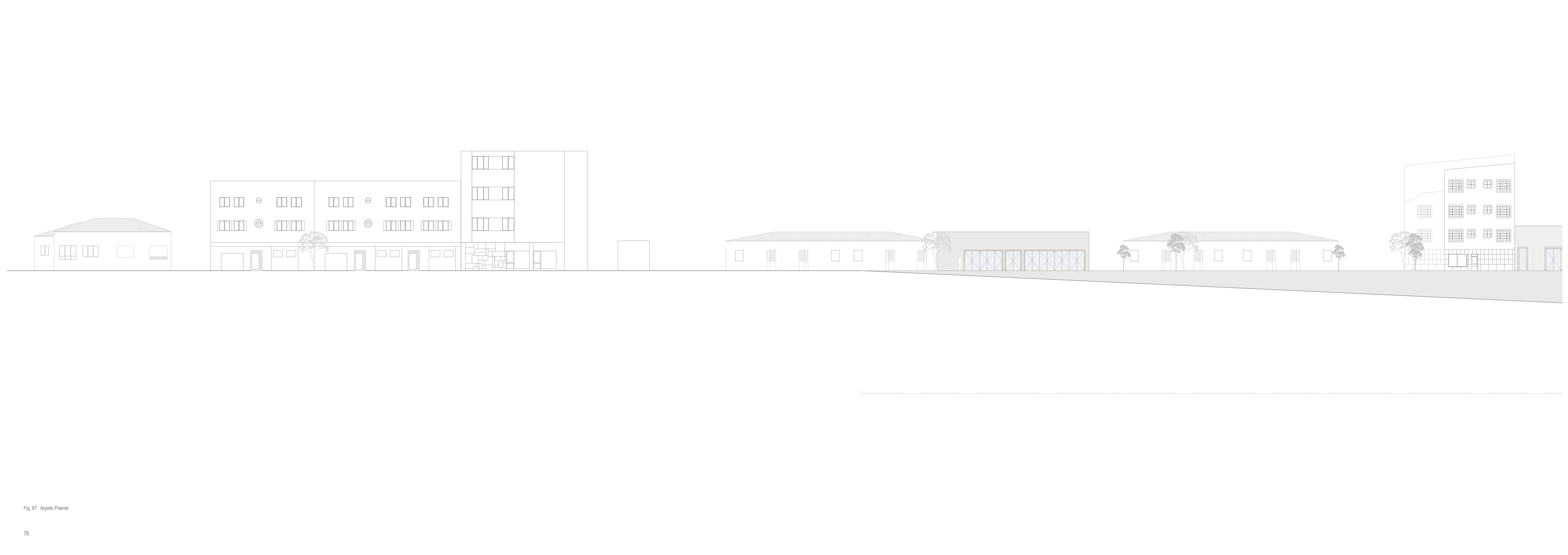
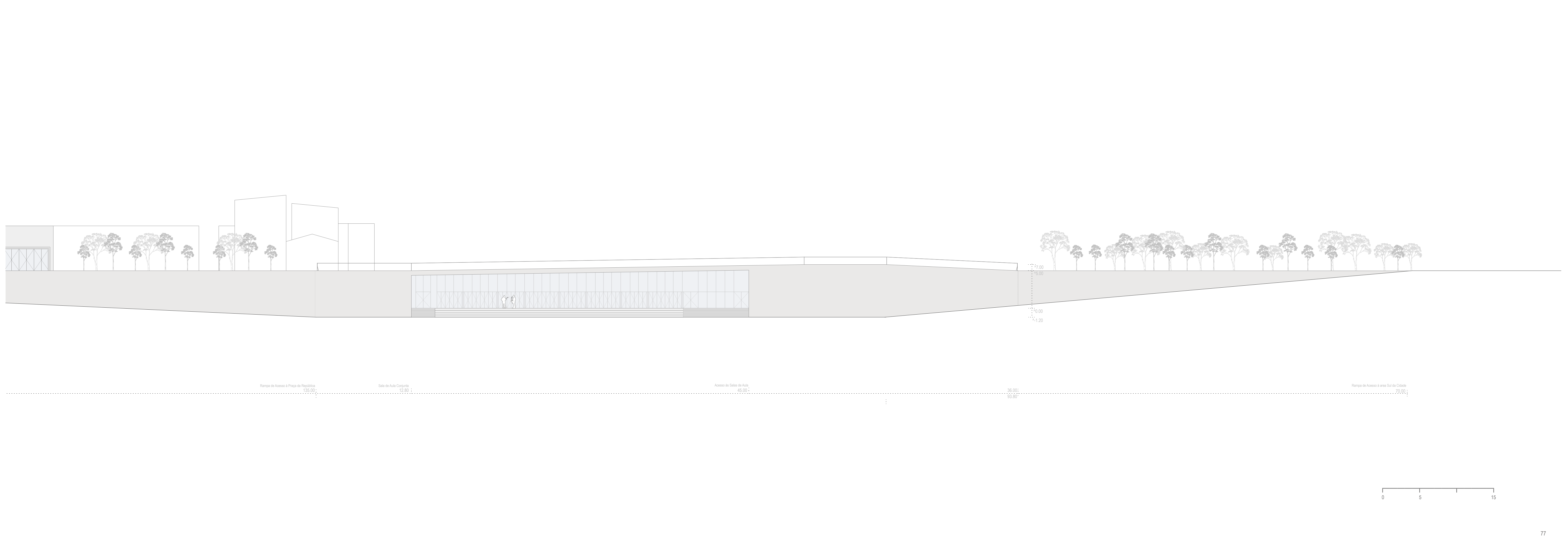


Fig. 67 Alçado Poente





MATERIALIDADE

Para reforçar o conceito do projecto, de que o edifício nasce da topografia da própria avenida, é proposto que a materialidade do espaço público se expanda ao próprio edificado. Sendo previsto a realização do pavimento da praça, incluído os espaços partilhados dos peões e dos carros em lajetas de betão, propõe-se a mesma materialidade para a cobertura e fachadas do edifício. No interior, conjuga-se a materialidade do betão à vista com a madeira. Existe em todos os espaços de aula e maioritariamente no grande auditório uma preocupação em proporcionar uma boa acústica para as actividades que aqui se desenvolvem.

Fig. 68 Corte Construtivo

Parede:

- PA1 - Enrocamento para drenagem de águas
- PA2 - Mante Geotêxtil, 0.07 cm
- PA3 - Tela Impermibilizante
- PA4 - Parede em Betão Armado, 0.30 cm
- PA5 - Isolamento Térmico em Wallmate e estrutura para Gesso Cartonado, 0.06 cm
- PA6 - Placas de Gesso Cartonado, 0.02 cm + 0.02 cm
- PA7 - Tubo Geodreno

Pavimento:

- P1 - Enrocamento, 0.30 cm
- P2 - Betonilha, 0.10 cm
- P3 - Laje em Betão Branco, 0.02 cm
- P4 - Soalho em Madeira de Pinho, 0.02 cm
- P5 - Isolamento Térmico e Barrotes de Madeira para assentamento do soalho, 0.04 cm
- P6 - Massame de Betão Armado, 0.15 cm
- P7 - Massame de Betão Simples, 0.05 cm
- P8 - Laje em Betão Armado, 0.30 cm
- P9 - Enrocamento de Drenagem, 0.20 cm

Cobertura:

- C1 - Lajeta em Betão Branco, 0.05 cm
- C2 - Argamassa para assentamento, 0.02 cm
- C3 - Betonilha Armada, 0.06 cm
- C4 - Isolamento Térmico, 0.10 cm
- C5 - Tela Impermiabilizante
- C6 - Camada de forma, 0.18 cm
- C7 - Laje em Betão Armado, 0.22 cm

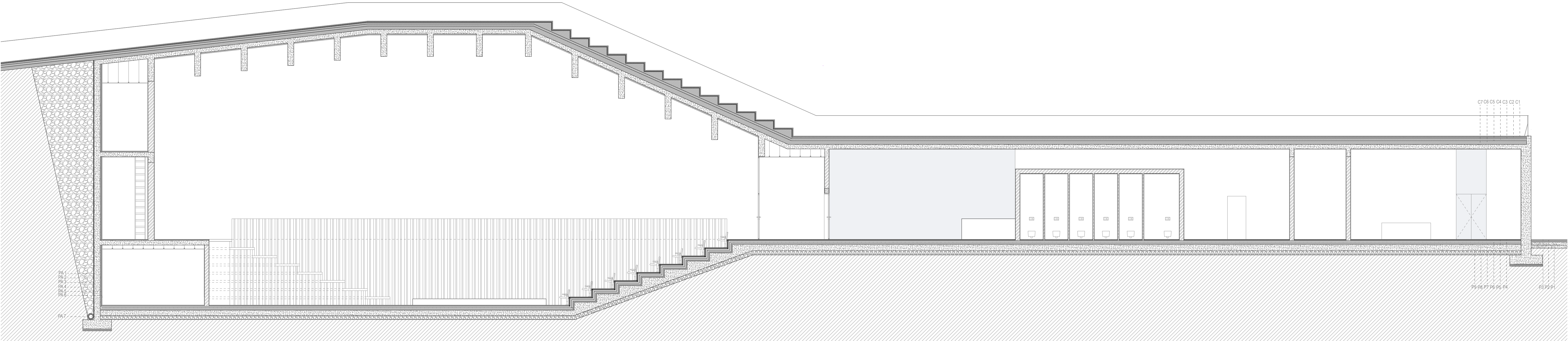
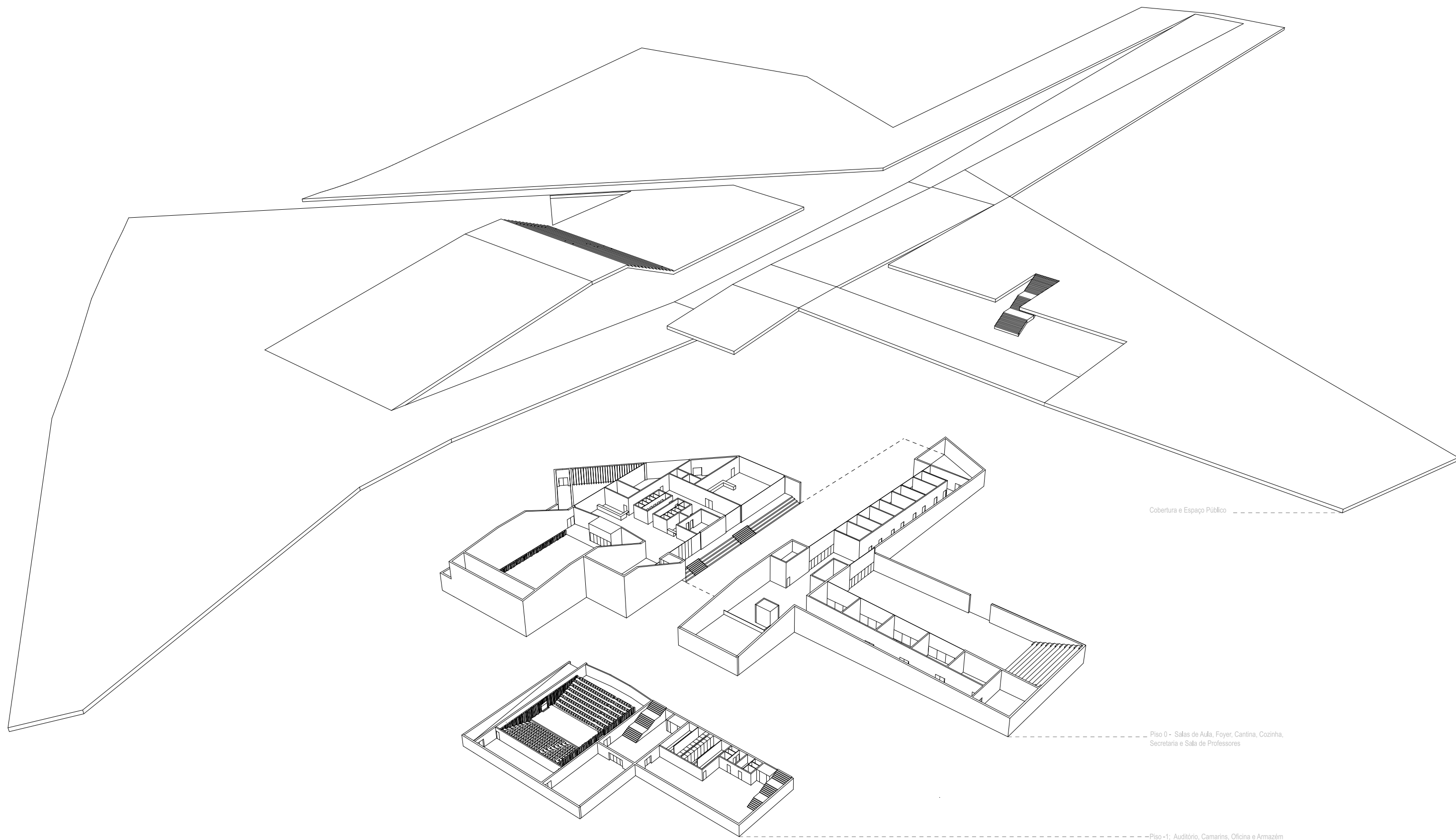


Fig. 69 Axonometria dos diferentes pisos, cobertura e espaço público





Cobertura e Espaço Público

Piso 0 - Salas de Aula, Foyer, Cantina, Cozinha,  
Secretaria e Sala de Professores

Piso -1; Auditório, Camarins, Oficina e Armazém

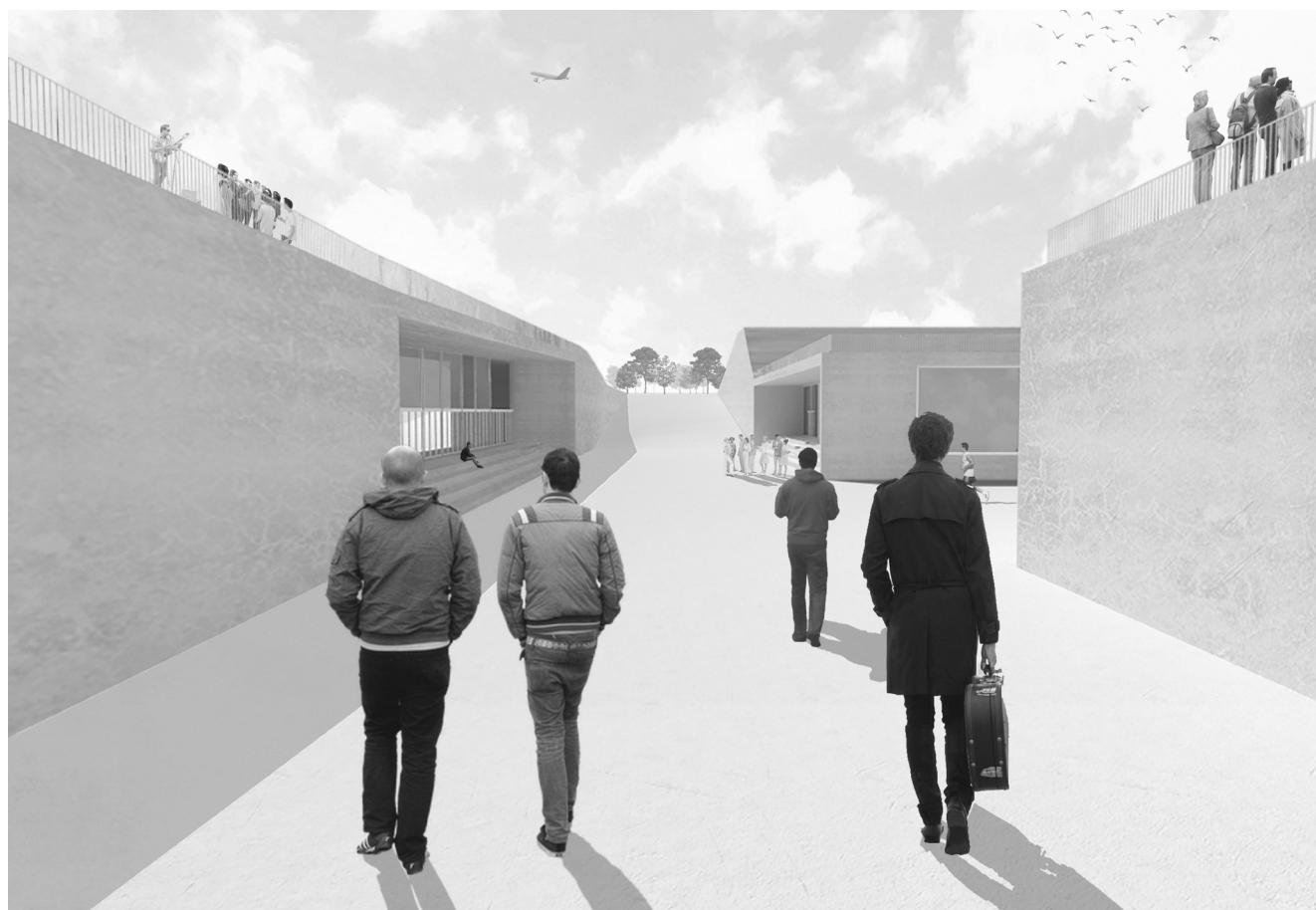


Fig. 70 Vista da entrada para a Escola de Música

## CONCLUSÃO

O interesse deste projecto foi, desde sempre, uma questão bastante pessoal, baseado em memórias de infância. Ao ter uma grande ligação com a costa Alentejana, sempre encontrei em cada vila que visitava, espaços centrais de convívio e estadia onde permanecíamos em família numa das várias viagens ao longo da costa. A inexistência de um espaço assim na cidade de Sines foi algo evidente quando surgiu a oportunidade de trabalhar nesta cidade.

Sines, por consequência do desenvolvimento urbano e industrial desmedido, estudado ao longo da dissertação, carece de um espaço central de estadia, tão característico da vivência mediterrânea.

Ao estudar o desenvolvimento de Sines surgiu a vontade de reactivar um ponto que se considerou de grande importância histórica para a cidade - a Praça da República- ponto central de desenvolvimento do projecto.

Com o estudo das actividades que se praticam em Sines surgiu o tema da Música e das Artes Performativas, desenvolvido em paralelo ao longo da dissertação.

A importância que estas têm para a cidade de Sines e individualmente para cada ser humano originou desenvolvimento da Escola de Música e Artes Performativas neste espaço central da cidade.



Fig. 71 Vista da sala de professores e pátio

Unindo a força que a música tem para reunir as pessoas e a centralidade da Praça da República, local desenvolvido no projecto, considero que este projecto seria de uma grande relevância e um bom ponto de partida para uma reestruturação da cidade.

Como desenvolvimento futuro desta dissertação, seria interessante explorar de uma forma mais profunda o impacto que as artes performativas, Dança e Teatro, têm numa cidade. Sendo que o foco principal do projecto foi a Música.



Fig. 72 Vista do Auditório



## ÍNDICE DE IMAGENS

|         |                                                                                                                                                                                                                  |         |                                                                                                                                                                                                                               |         |                                                                                        |         |                                                                                                                     |
|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|----------------------------------------------------------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| pág. 17 | 01. Ortofotomapa de Sines<br>LINO, Constança. 2016                                                                                                                                                               | pág. 22 | 07. Jardim da Praça da República<br>Câmara Municipal de Sines. 1920<br><i><a href="http://45.33.69.154/index.php/sines-post-al-ilustrado">http://45.33.69.154/index.php/sines-post-al-ilustrado</a></i>                       | pág. 24 | 12. Rua Teófilo Braga, Sines<br>LINO, Constança. 2016                                  | pág. 26 | 19. Vestígios dos caminhos de ferro, que permanecem no Jardim Alameda da Paz, Sines<br>LINO, Constança. 2016        |
| pág. 18 | 02. Carta da Costa do Governos de Sines<br>Câmara Municipal de Sines. 1751                                                                                                                                       |         |                                                                                                                                                                                                                               |         | 13. Rua Gago Coutinho, Sines<br>LINO, Constança. 2016                                  |         |                                                                                                                     |
| pág. 19 | 03. Fotogradia aérea da Calheta de Sines<br>Câmara Municipal de Sines. 1960                                                                                                                                      |         | 08. Jardim da Praça da República<br>Câmara Municipal de Sines. 1950<br><i><a href="http://45.33.69.154/index.php/sines-jar-dim-publico">http://45.33.69.154/index.php/sines-jar-dim-publico</a></i>                           |         | 14. Rua João de Deus, Sines<br>LINO, Constança. 2016                                   | pág. 27 | 20. Edifícios devolutos no Parque Desportivo Municipal João Martins, Sines<br>LINO, Constança. 2016                 |
|         | 04. Fotografia aérea da Vila e do Castelo de Sines<br>Câmara Municipal de Sines. 1960                                                                                                                            |         | 09. Jardim da Praça da República<br>Câmara Municipal de Sines. 1960<br><i><a href="http://cabodesines.blogspot.pt/2013/09/foto-antiga-sines_26.html">http://cabodesines.blogspot.pt/2013/09/foto-antiga-sines_26.html</a></i> | pág. 25 | 15. Rua de Ferreria, Sines<br>LINO, Constança. 2016                                    |         | 21. Vestígios de uma chaminé de Fábrica no Parque Desportivo Municipal João Martins, Sines<br>LINO, Constança. 2016 |
| pág. 20 | 05. Planta de evolução da cidade de Sines. Escala 1. 10 000<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                             |         |                                                                                                                                                                                                                               |         | 16. Rua Pedro Alvaros Cabral, Sines<br>LINO, Constança. 2016                           |         |                                                                                                                     |
|         |                                                                                                                                                                                                                  |         |                                                                                                                                                                                                                               |         | 17. Praça da República, Sines<br>LINO, Constança. 2016                                 | pág. 28 | 22. Planta de análise da Praça da República e envolvente. Escala 1. 1500<br>LINO, Constança. 2017                   |
| pág. 22 | 06. Rua Luís de Camões com a Praça da República ao fundo.<br>Câmara Municipal de Sines. 1910<br><i><a href="http://45.33.69.154/index.php/vistas-de-sines">http://45.33.69.154/index.php/vistas-de-sines</a></i> | pág. 23 | 10. Senhor a descansar no Jardim da Praça da República<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                               | pág. 26 | 18. Antiga estação de comboios, actual Escola de Artes, Sines<br>LINO, Constança. 2016 |         |                                                                                                                     |
|         |                                                                                                                                                                                                                  |         | 11. Jardim da Praça da República actualmente<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                         |         |                                                                                        |         |                                                                                                                     |

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |         |                                                                                                                                                                                                                             |         |                                                                                                                                                                                                                              |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| pág. 32 | 23. Banda Filarmónica a desfilar pelas ruas de Sines.<br>Câmara Municipal de Sines. 1924<br><i><a href="http://45.33.69.154/index.php/desfile-da-rua-luis-de-camoes">http://45.33.69.154/index.php/desfile-da-rua-luis-de-camoes</a></i>                                                                                       | pág. 33 | 26. Audição da Escola de Artes do Alentejo Litoral<br>Câmara Municipal de Sines. 2016<br><i><a href="http://www.sines.pt/frontoffice/pages/401?event_id=248">http://www.sines.pt/frontoffice/pages/401?event_id=248</a></i> | pág. 34 | 30. Festival de Musicas do Mundo, Sines<br>PIRES, Mário. 2016<br><i><a href="http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721">http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721</a></i>                          | pág. 38 | 34. Nova Iorque, Estados Unidos<br>OTTOSON, Jon. 2015<br><i><a href="https://picalls.com/wp-content/uploads/2015/03/New-York-Street.jpg">https://picalls.com/wp-content/uploads/2015/03/New-York-Street.jpg</a></i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|         | 24. Espectáculo de rua da companhia de Teatro do Mar<br>PADILHA, Alípio. 2015<br><i><a href="https://teatrodomar.com/web/mies_portfolio/insekto/">https://teatrodomar.com/web/mies_portfolio/insekto/</a></i>                                                                                                                  | pág. 34 | 27. Festival de Musicas do Mundo, Sines<br>PIRES, Mário. 2016<br><i><a href="http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721">http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721</a></i>                         | pág. 35 | 31. Carnaval de Sines.<br>Autor Desconhecido. 2011<br><i><a href="http://www.lux.iol.pt/html_galerias.html?gal_id=53f4e144300428fec6fd0425">http://www.lux.iol.pt/html_galerias.html?gal_id=53f4e144300428fec6fd0425</a></i> |         | 35. Bairro de Bakklandet em Trondheim, Noruega<br>Søderholm.<br><i><a href="http://en.trondelag.com/wp-content/img.php?img=http://en.trondelag.com/files/2014/05/Syklister-i-den-gamle-bydelen-Bakklandet-i-Trondheim-Tr%C3%B8ndelag-Foto-S%C3%B8derholm-Steen-Tr%C3%B8ndelag-Reiseliv.jpg&amp;width=700">http://en.trondelag.com/wp-content/img.php?img=http://en.trondelag.com/files/2014/05/Syklister-i-den-gamle-bydelen-Bakklandet-i-Trondheim-Tr%C3%B8ndelag-Foto-S%C3%B8derholm-Steen-Tr%C3%B8ndelag-Reiseliv.jpg&amp;width=700</a></i> |
| pág. 33 | 25. Associação Recreativa de Dança Sineense em espectáculo em Santiago do Cacém<br>Município Santiago do Cacém. 2017<br><i><a href="http://www.cm-santiagocacem.pt/atualidade/noticias/canta-e-danca-os-direitos-da-crianca/">http://www.cm-santiagocacem.pt/atualidade/noticias/canta-e-danca-os-direitos-da-crianca/</a></i> |         | 28. Festival de Musicas do Mundo, Sines<br>PIRES, Mário. 2016<br><i><a href="http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721">http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721</a></i>                         | pág. 36 | 33. Planta de análise dos edifícios e jardins públicos da cidade. Escala 1. 5000<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                    |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |         | 29. Festival de Musicas do Mundo, Sines<br>PIRES, Mário. 2016<br><i><a href="http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721">http://www.fmmsines.pt/pages/922?timeline_day=20170721</a></i>                         |         |                                                                                                                                                                                                                              |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

|         |                                                                                                                                                                                                                                               |         |                                                                                                                                                                                                                                              |         |                                                                                                                                                                                                                                  |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| pág. 39 | 36. Cidade de São Paulo, Brasil<br>FERNANDES, Michael. 2013<br><i><a href="http://summerinsampa.weebly.com/uploads/6/1/9/6/6196811/6970158_orig.jpg?452">http://summerinsampa.weebly.com/uploads/6/1/9/6/6196811/6970158_orig.jpg?452</a></i> | pág. 44 | 43. Péricles a discursar na Ágora e a Acrópole ao fundo.<br>VILAR, Leandro. 2009<br><i><a href="http://seguindopassoshistoria.blogspot.pt/2009/09/">http://seguindopassoshistoria.blogspot.pt/2009/09/</a></i>                               | pág. 46 | 47. Pintura da fonte de Apolo nos Jardins de Versailles<br>PERELLE, Adam. 1680<br><i><a href="https://www.metmuseum.org/toah/images/hb/hb_52.519.84.88.jpg">https://www.metmuseum.org/toah/images/hb/hb_52.519.84.88.jpg</a></i> | pág. 49 | 52. Festival ao Largo, Largo de São Carlos<br>Lisbon Social LGBT Group. 2017<br><i><a href="https://cdn-az.allevvents.in/banners/51b5a8c8e24bd725cb7c938c6a312ffb">https://cdn-az.allevvents.in/banners/51b5a8c8e24bd725cb7c938c6a312ffb</a></i>                                                          |
|         | 37. Liubliana, Eslovénua<br>Frame de Visual Fx Lab. 2014<br><i><a href="https://ak8.picdn.net/shutterstock/videos/6820108/thumb/1.jpg">https://ak8.picdn.net/shutterstock/videos/6820108/thumb/1.jpg</a></i>                                  |         | 44. Teatro Dionísio no séc. XIV<br>KURSCHNER, Joseph. 1891<br><i><a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Hemicycle#/media/File:DionysiusTheater.jpg">https://en.wikipedia.org/wiki/Hemicycle#/media/File:DionysiusTheater.jpg</a></i>         |         | 48. Praça do Comércio, Lisboa<br>GUEDES, Paula. 1901<br><i><a href="https://www.harvardartmuseums.org/art/304349">https://www.harvardartmuseums.org/art/304349</a></i>                                                           | pág. 50 | 53. Largo do Toural em meados do século XX, Guimarães<br>GOMES, Carlos. 2011<br><i><a href="https://c8.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/Nec07b1f7/9629594_oljHM.jpeg">https://c8.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/Nec07b1f7/9629594_oljHM.jpeg</a></i>                                                                |
| pág. 40 | 38. Caminhar pela cidade, Lisboa<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                                     | pág. 45 | 45. Pintura da Piazza Del Campo, Siena, Itália<br>ZOCCHI, Guiseppe<br><i><a href="https://www.art-prints-on-demand.com/kunst/guiseppe_zocchi/the_palio.jpg">https://www.art-prints-on-demand.com/kunst/guiseppe_zocchi/the_palio.jpg</a></i> | pág. 47 | 49. Praça de Gendarmenmarkt, Berlim, Alemanha.<br>Autor Desconhecido<br><i><a href="https://medium.com/@360GrausTurismo/berlim-9870a3d68bff">https://medium.com/@360GrausTurismo/berlim-9870a3d68bff</a></i>                     |         | 54. Largo do Toural, Guimarães<br>PACHECO, Paulo. 2012<br><i><a href="http://www.snpcultura.org/fotografias/vol_guimaraes_largo_toural_gf_2.jpg">http://www.snpcultura.org/fotografias/vol_guimaraes_largo_toural_gf_2.jpg</a></i>                                                                        |
|         | 39. Caminha pela cidade, Lisboa.<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                                     |         | 46. Pintura da Praça de São Marco em Veneza<br>CANALETTO, Giovanni Antônio. 1730-1734<br><i><a href="https://www.harvardartmuseums.org/art/304349">https://www.harvardartmuseums.org/art/304349</a></i>                                      | pág. 48 | 50. Artistas de Rua, Lisboa<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                             | pág. 51 | 55. Praça da Oliveira, Guimarães<br>BOAS, Gabriel Vilas. 2014<br><i><a href="http://3.bp.blogspot.com/-xsSyiDli-XU/VltkuMm7D6I/AAAAAAAAEYE/urJPw9wD0jo/s1600/Largo%2Bda%2BOliveira.jpg">http://3.bp.blogspot.com/-xsSyiDli-XU/VltkuMm7D6I/AAAAAAAAEYE/urJPw9wD0jo/s1600/Largo%2Bda%2BOliveira.jpg</a></i> |
| pág. 41 | 41. Permanecer no espaço público, Lisboa<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                             |         |                                                                                                                                                                                                                                              |         | 51. Artista de Rua, Lisboa<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                              |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|         | 42. Espaço de encontro e estadia, Lisboa<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                             |         |                                                                                                                                                                                                                                              |         |                                                                                                                                                                                                                                  |         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |



|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                           |              |                                                                                           |         |                                                                              |
|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|---------|------------------------------------------------------------------------------|
| pág. 51 | 56. Praça dos Couros, Guimarães<br>RODRIGUES, Claudio. 2012<br><i><a href="https://assets.vice.com/content-imaes/contentimage/no-slug/ae14b3e5274cf42a103ff895bd8f41b.jpg">https://assets.vice.com/content-imaes/contentimage/no-slug/ae14b3e5274cf42a103ff895bd8f41b.jpg</a></i>         | pág. 67      | 62. Corte Transversal. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                            | pág. 82 | 70. Fotomontagem da entrada para a Escola de Música<br>LINO, Constança. 2018 |
|         | 57. Praça de São Tiago, Guimarães<br>Município de Guimarães<br><i><a href="http://www.cm-guimaraes.pt/thumbs/uploads/writer_file/image/1919/pca_s_tia_go_noite1_1_690_690.jpg">http://www.cm-guimaraes.pt/thumbs/uploads/writer_file/image/1919/pca_s_tia_go_noite1_1_690_690.jpg</a></i> | pág. 69      | 63. Corte Transversal. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                            |         | 71. Fotomontagem da sala de professores e pátio<br>LINO, Constança. 2018     |
|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                           | pág. 71      | 64. Corte Longitudinal. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                           |         |                                                                              |
|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                           | pág. 73      | 65. Corte Longitudinal. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                           | pág. 83 | 72. Fotomontagem do auditório<br>LINO, Constança. 2018                       |
| pág. 59 | 58. Planta de Implantação e Circulação.<br>Escala 1. 750<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                                                         | pág. 74 e 75 | 66. Alçado Nascente. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                              |         |                                                                              |
|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                           | pág. 76 e 77 | 67. Alçado Poente. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                                |         |                                                                              |
| pág. 61 | 59. Planta de Cobertura e estúdios de música.<br>Escala 1. 750<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                                                   | pág. 79      | 68. Corte Construtivo. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                            |         |                                                                              |
| pág. 63 | 60. Planta Piso 0. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                                                                                | pág. 81      | 69. Axonometria dos diferentes pisos, cobertura e espaço público<br>LINO, Constança. 2017 |         |                                                                              |
| pág. 65 | 61. Planta Piso -1. Escala Gráfica<br>LINO, Constança. 2017                                                                                                                                                                                                                               |              |                                                                                           |         |                                                                              |

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. **História da Vida Privada**. Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2009. Tit. Orig. Histoire de la vie privée: de l'Empire romain à l'an mil. ISBN 978-85-359-1378-1

BRETON, Gaëlle - **Theaters**. Paris: Moniteur, 1991.

GARCIA, Andreia. **Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um Modelo Conceptual**. Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2016. ISBN 978-989-658-354-5.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings, Using Public Space**. Washington: Island Press. 2011. 1ª edição 1971. ISBN 978-1-59726-827-1.

HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire collective**. Paris: PUF, 1950.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Trad. Donald Nicholson-Smith. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing, 1991. Tit. Orig.: La Production de l'espace. 1ª Edição 1905. ISBN-13: 978-0-631-18177-4.

LOPES, Francisco Luiz. **Breve Notícia de Sines: Pátria de Vasco da Gama**. Lisboa: Na Topografia Panorama. 1ª edição 1850.

MOLINARI, Cesare. **História do Teatro**. Lisboa: Edições 70, 2010.

PETER, Bishop; WILLIAMS, Lesley. **The Temporary City**. London e New York: Routledge, 2012. ISBN 978-0-415-67055-5.

POULET, Georges. **O espaço proustiano**. Imago, 1992.

ROSSI, Aldo. **A Arquitectura da Cidade**. Trad. José Charters Monteiro. Lisboa: Edição Cosmos, 2001. 1ª edição 1984. Tit. Orig.: The Architecture of the City. ISBN 972-762-126-0.

SILVA, Ribeiro . **A minha Praça de S. Tiago**. Guimarães: Edição de Autor, 2012.

STEVENS, Quentin. **The Ludic City, Exploring the potential of public spaces**. New York: Routledge, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Value**. New York: Columbia University Press, 1972.

ZUMTHOR, Peter. **Atmospheres**. Base, Boston, Berlin: Birkhäuser, 2006. ISBN 978-3-7643-7495-2.

Fontes online:

**Fontes online:**

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a Memória das Cidades**. Revista da Faculdade de Letras – Geografia I, Vol. XIV, pp. 77-97. Porto, 1998.  
Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5291.pdf> [  
> Acesso a 3 de Setembro de 2017

BARBOSA, Carmen Patrícia; WEIGSDING, Jessica Adriane. **A Influência da música no comportamento humano**. Vol. 8, No. 2, pp. 47-62. Arquivos do MUDI.

BLESSER, Barry; SALTER, Linda-Ruth. **Aural Architecture**. Research, Design, Connections. 2007.  
Disponível em: <[http:// www.blessner.net/downloads/RDC%20Article.pdf](http://www.blessner.net/downloads/RDC%20Article.pdf) > Acesso a 11 de Setembro de 2017

HIGGINS, L. N. **Music and Architecture in The Musical Times**. Vol. 66, No. 988, pp. 509-510. London: Musical Times Publications Ltd., 1925.  
Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/912830?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/912830?seq=1#page_scan_tab_contents) > Acesso a 4 de Outubro de 2017

**Baldio do Rossio**.  
Disponível em: <[http://www.sines.pt/uploads/document/file/1611/74\\_-\\_Baldio\\_do\\_Rossio.pdf](http://www.sines.pt/uploads/document/file/1611/74_-_Baldio_do_Rossio.pdf) > Acesso a 6 de Março de 2016

**Sines Município**.  
Disponível em: <<http://www.sines.pt/>> Acesso a 20 de Abril de 2016

**Teatro do Mar**.  
Disponível em:  
< <http://teatrodomar.com/web/> > Acesso a 16 de Fevereiro de 2016





